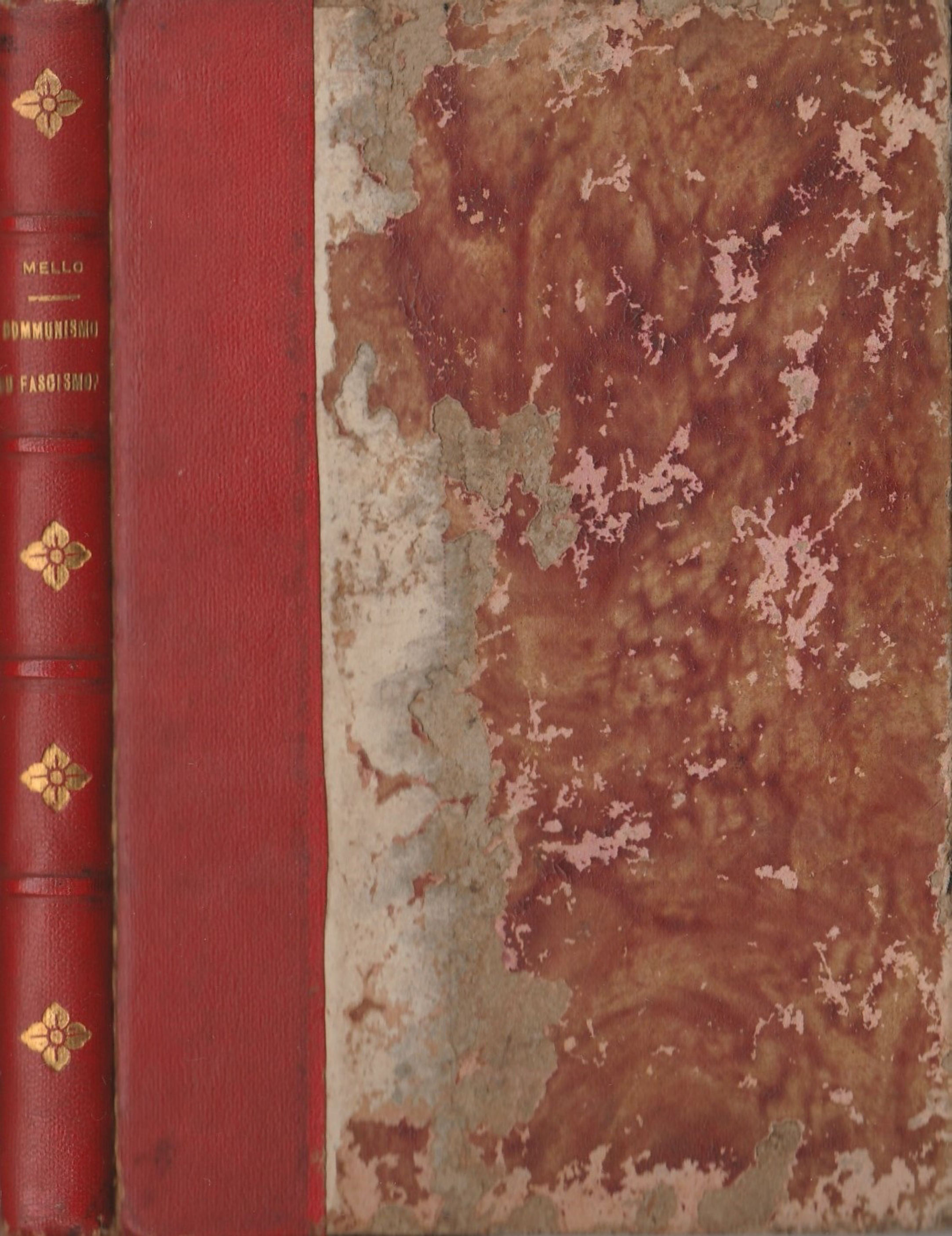

MELLO

COMMUNISMO
OU FASCISMO?

THEMAS CONTEMPORANEOS

OLBIANO DE MELLO

COMMUNISMO OU FASCISMO?

SEGUNDA EDIÇÃO

CORRENTES SOCIALISTAS
SOCIALISMO EM GERAL
SYNDICALISMO
BOLSHEVISMO E FASCISMO
ROMA OU MOSCOU?

IPE

EDIÇÕES PONGETTI

COMMUNISMO OU FASCISMO?

OLBIANO DE MELLO

COMMUNISMO OU FASCISMO?

PREFACIO DO
DR. PLACIDO M. MODESTO DE MELLO

2.ª EDIÇÃO

SUMMARIO:

Diante das correntes socialistas — Socialismo em geral (Communismo, collectivismo agrario, cooperativismo, saint-simonismo, anarquismo e syndicalismo) — Syndicalismo (origens, tendencias e fins) — Syndicalismo internacionalista ou revolucionario e syndicalismo nacionalista — Bolchevismo e Fascismo — A ilha da utopia — Roma ou Moscou? — O actual momento brasileiro — Como se resolver o problema nacional?

IRMÃOS PONGETTI EDITORES
AV. MEM DE SÁ, 78 — RIO DE JANEIRO

Digitalizado pela
Frente Integralista Brasileira
http://www.integralismo.org.br/

Deus - Pátria - Família

PREFACIO

ESTE LIVRO... (*)

Um dos mais vigorosos pensadores catholicos do Brasil, o Padre Dr. J. C. Bezerril, mostrava, não ha muito tempo, pelo “Jornal do Commercio”, quanto é apparente o dilemma — “Roma ou Moscou”, entre cujas pontas tanta gente por ahi vae tecendo uma trama inextricavel de postulados de ordem social e economica, tendentes a defender e preconizar a melhor reforma politica para os povos, numa epoca em que baqueiam velhas construcções e o mundo anceia pela paz, a meu ver só possivel “em Christo e no reino de Christo.”

O livro que sou chamado a prefaciar, todo elle de orientação doutrinaria, mas sinceramente empenhado em traçar uma solução pratica aos problemas que agitam, com violencia, a humanidade, nesta hora decisiva e tragica, esse livro é como um raio de luz nas trevas, uma superficie calma de pensamentos profundos, em que a alternativa se fixa em meios termos razoaveis, não se propondo optar por um dos extremos e sim pesquizar das duas escolas ou ideologias revolucionarias, o que ha de bom e mais conveniente a um plano de perfeição que

---

(*) — ***Prefacio á primeira edição.***

ao Autor se afigura integral na futura Republica Syndicalista, cujo advento elle anseia para o Brasil.

Sou dos que pensam que ha entre o Estado Corporativo de Mussolini e o Estado Collectivista de Lenine numerosos pontos de contacto, até de caracter doutrinario. E' que os extremos se tocam, como bem observou o illustrado sacerdote a cujos ensinamentos me reporto.

A' marcha sobre Roma serviu de ponto de partida o excesso de liberdade. Neste excesso, se debatia então a peninsula, em plena deliquescencia de um systema democratico liberal, que ia arrazando os ultimos reductos da autoridade, sem lhe deixar pedra sobre pedra.

A explosão incendiaria dos exercitos vermelhos e as carnificinas do "lobo moscovita" tiveram origem em ponto diametralmente opposto, a saber, na oppressão e tyrannia do czarismo, que seviciara por seculos uma raça soffredora, atirada como escrava para os gelidos desertos da Siberia ou para os infectos alagadiços do Volga e do Mar Caspio.

Mas, ambos esses movimentos vieram desembocar na mesma concepção politica de um Estado cezariano, "ao qual o cidadão rende culto de latria e tudo sacrifica."

O Sr. Olbiano de Mello tem, na sua arrojada concepção, affirmações em que estamos todos de perfeito accordo. Se o mundo fosse um enorme syndicato, — corre agora o arrojo por minha conta, — dentro de cujo ambito se tangenciassem como espheras perfeitamente polidas, milhares de cooperativas de toda a ordem, impulsionadas pelo espirito christão e satisfazendo a todas as necessidades humanas, viveriamos, por certo, no melhor dos mundos, no mundo da fraternidade, do auxilio mu-

tuo, da collaboração das classes, do principio evangelico — "Todos por um e um por todos".

Como a Ozanam, a mim não me repugna a idéa de que caminhemos fatalmente para uma democracia, cuja formula é a do sacrificio de cada um em favor da communhão. Os homens desejam a felicidade e certo hão de encontral-a nos moldes que nós, os cooperativistas, ensaiamos a medo, numa organisação de immanencia formidavel, ainda tão mal comprehendida e praticada.

A humanidade está cansada de um individualismo que, pouco depois da Revolução Franceza, já cahia em descredito; mas cujos remedios, procurados nas mesmas fontes que envenenaram e dissolveram as antigas Corporações de Artes e Officios, só contribuiram para injectar no organismo social enfermo o mal maior do Socialismo, que é tão nocivo ao homem quando busca nivelar desegualdades naturaes, como quando faz de todas as liberdades uma victima propiciatoria no altar do Estado Moloch, a requisitar tudo para si, desde a educação até as actividades economicas e profissionaes do individuo.

O novo e magnifico ensaio de Olbiano de Mello é, além de uma pedra angular nova nos alicerces de sua Republica Syndicalista, mais uma contribuição generosa, — e sobre este aspecto eu a comprehendo bem, — a serviço do cooperativismo, cruzada benemerita a que um punhado de idealistas praticos ou poetas technicos puzeram hombros, vae por vinte annos, obstinadamente, visando tornar conhecida, amada e servida uma das melhores fórmas de estabelecer, entre os homens, a caridade e a justiça.

Não basta para a realisação de uma ordem humana, *á altura dos progressos em que nos elevamos sempre mais, dar a cada um o que é seu; é indispensavel, além disso, approximar cordialmente todas as classes do trabalho, num sentimento de collaboração onde entra, como factor basico, aquelle "honeste vivere" dos romanos, commumente postergado e de que o Bispo de Roma, na encyclica "Quadragesimo Anno," acaba de fazer não só um capitulo especial, mas toda a cupula do edificio.*

Na verdade, sem a refórma dos costumes, isto é, sem a christianização de todas as coisas, debalde se experimentarão chaves mais ou menos especiosas para a decifração do enigma social. Elle permanecerá insoluvel, a rolar em suas tendencias mais violentas para extremos que, como vimos, se tocam afinal e nos dão essa "equação de primeiro gráo", o fascio e o soviet.

Não preciso demorar-me na analyse deste ultimo, que já vae por seus fructos levantando contra si o mundo inteiro. Do primeiro direi apenas que contra as tendencias totalitarias do syndicalismo de Mussolini acaba de insurgir-se a Cadeira Infallivel, podendo affirmar-se que são ellas e não uma supposta intervenção da Acção Catholica na politica, a causa do dissidio entre o Vaticano e o Quirinal.

Ouçamos o que diz Pio XI, em sua recente encyclica, já citada: "Recentemente iniciou-se, diz o Papa, uma nova organização syndical corporativa. O Estado reconheceu juridicamente o Syndicato, dando-lhe, porém, o caracter de monopolio, já que só elle, assim reconhecido, pode representar respectivamente operarios e patrões, só elle pode concluir contractos de trabalho. A inscripção no syndicato é facultativa, e só neste sentido se pode dizer que a organização syndical é livre. E' prohibida a parede. Se as partes não podem chegar a um accordo, intervem o Estado". "Não falta quem receie, diz mais adiante o Pontifice, que o Estado se substitua ás livres actividades, em vez de se limitar á necessaria e sufficiente assistencia e auxilio."

Alisto-me entre os que suscitaram a Pio XI a advertencia. Penso que a nova organização italiana tem caracter excessivamente burocratico; e que, não obstante as vantagens geraes acenadas, "ella pode servir a particulares intentos politicos; mais do que á preparação e inicio de uma ordem social melhor."

Emquanto não se debuxam os prodromos do claro dia que o Sr. Olbiano de Mello, entre tantos applausos e crescente proselytismo, nos vae vaticinando em seus livros, eu prefiro quedar-me dentro da velha formula catholica de que o Mundo não quer saber, mas que aprendi com Ketteler e Leão XIII, e que é a mais logica e natural entre as escolas em que se subdivide a economia politica, sciencia que rege a actividade humana na ordem dos interesses materiaes da sociedade.

A escola liberal, em desuso hoje na propria Inglaterra, tudo reivindica para o individuo, livre de todo e qualquer vinculo ou dependencia, quer em relação ao Estado, quer em relação á Associação. E' a escola de Rousseau. O homem é bom. A sociedade o perverte. A escola é, em religião, o livre exame, o protestantismo; em politica, o livre contracto; e em economia, a livre concurrencia, o livre cambio.

A escola socialista entrega tudo ao Estado. Filha do liberalismo e mãe do bolchevismo, tem dois expoentes *no syndicalismo totalitario da Italia e no syndicalismo industrial da Russia.*

A escola catholica é o justo meio entre as duas primeiras. Combina em tudo a acção do Estado com a iniciativa privada, dando áquelle o direito a uma intervenção racional e assegurando a esta plena liberdade dentro da associação.

Bem sei que é nessa velha escola que o Sr. Olbiano de Mello espera apoiar a sua engenhosa construcção. Como catholico, elle quer o individuo livre dentro da associação livre. Ha a receiar apenas que a Republica Syndicalista se burocratize a ponto de intervir demais. Não vê o Autor o que se passa com o Socialismo do Estado hodierno? Não vê como, entre nós, busca o governo intervir em tudo, negando ao individuo até o direito de associar-se livremente, dentro da lei?!.

Não valha, entretanto, este simples reparo por uma condemnação a idéas que considero, repito, generosas e de todo consagradas á felicidade do Brasil. Receba por ellas o Autor, os meus parabens. Faço votos para que, não do monte Nebo, mas entre os escombros de Jerichó, elle veja a cidade do futuro, a terra da promissão que, como um propheta, nos annuncia e eu, como um cathecumeno, desde já saúdo.

Rio, Setembro de 1931.

PLACIDO DE MELLO.

SUMMARIO:

1.º Capitulo: — DIANTE DAS DIVERSAS CORRENTES SOCIALISTAS.

2.º Capitulo: — SOCIALISMO EM GERAL (communismo, collectivismo, socialismo agrario, anarquismo, saint-simonismo e cooperativismo).

3.º Capitulo: — SYNDICALISMO (origens, tendencias e fins) SYNDICALISMO INTERNACIONALISTA E SYNDICALISMO NACIONALISTA — BOLCHEVISMO E FASCISMO.

4.º Capitulo: — A ILHA DA UTOPIA

5.º Capitulo: — ROMA OU MOSCOU?

6.º Capitulo: — O ACTUAL MOMENTO BRASILEIRO.

7.º Capitulo: — COMO SE RESOLVER O PROBLEMA NACIONAL?

DIANTE DAS CORRENTES SOCIALISTAS

DIANTE DAS DIVERSAS CORRENTES SOCIALISTAS

Jamais o homem teve que sustentar uma tão grande luta pela vida como no momento que passa. Dahi o procurar elle, por todos os meios possiveis, suavisar os effeitos desta febre em que actualmente a humanidade se entrega — do ganha-pão diario e o se ouvir falar muito, nos ultimos tempos, em questões sociaes, antagonismo do Trabalho com o Capital, perigo bolchevista, perigo *yankee*, perigo fascista, etc.

Tudo isto é certo que existe mórmente para o caso especial do Brasil que, na expressão altamente expressiva de Paulo Prado — “não vê o desastre que se approxima, não vê o perigo de estarmos á margem dos grandes caminhos mundiaes da navegação e da aviação.”

Todavia, si tudo isto existe em todo ou em parte, poderá ser evitado totalmente ou parcialmente pela Nação Brasileira processando-se um novo reajustamento consentaneo com a Moral e com a Razão, no triangulo economico formado por estes quatro agentes da nossa producção: a Terra, o Homem, o Trabalho e o Capital e em que se alicerça e se encontra o *leit motiv* de ser da vida de nossa nacionalidade. Si ha queixas, si ha manifestações de inquietude, de lamuria e de desespero, ás vezes, em todas as classes sociaes, si é para se arreceiar a invazão do grande pensamento collectivo pelo VIRUS contido no bojo das idéas demagogicas e subversivas — é porque, então, nem tudo direito está.

Na grande e complicadissima entrosagem mecanica e financeira dos povos e das nações, que vivem a braços com crises de todos os jaezes: crises politicas, crises financeiras, crises economicas, crises de natalidade e mesmo crises de caracter — deve haver qualquer agente ou agentes a perturbar o funccionamento que deveria ser perfeito para bem geral da collectividade.

A' luz de certos principios de sociologia, sabido é que tudo no mundo se rege por certas e determinadas leis, que não podem ser contrariadas sem serias perturbações de ordem social ou economica.

O Brasil, no entanto, de todos os paizes cultos da terra, durante quarenta e um annos de regimen republicano, varias vezes, sinão sempre, tem contrariado o curso natural destas leis collocando-se hoje neste doloroso dilemma: ou enveredará pela estrada larga, onde são processados novos methodos de producção e trabalho, que o conduzirá, mais apressadamente, á finalidade progressista a que tem direito, ou então estacará á margem da civilização contemporanea, permanecendo neste ambiente de preparação a que ficam sempre sujeitos os povos que temem ou não procuram acompanhar *pari-passu* a evolução de ordem superior, que lhes é dictada por certas e varias circumstancias actuantes com forte pressão, em determinadas épocas, nos altos destinos da humanidade.

Essa pressão se faz sentir hoje a fundo por meio de diversas correntes de idéas avançadas na consciencia social de quasi todos os povos. São ellas o socialismo em geral (collectivismo, communismo, socialismo do Estado, cooperativismo); são ellas ainda o anarquismo, o fascismo, o leninismo.

*
* *

Ensinam os tratadistas que na *Producção* entram tres agentes principaes: A Terra, elemento passivo, o Homem e o Trabalho, faculdade criadora inherente a todo ser vivo levado pela *"lei do menor esforço"* — base de toda a Economia Politica — a produzir da melhor maneira e o mais rapidamente possivel os meios de se garantir contra as hostilidades que lhe são a todo o momento antepostas pela Natureza. Querem mesmo alguns autores, considerado o problema de producção no conjuncto em que ella se desenvolve no seio da humanidade, accrescentar a estes tres agentes um outro que chronologicamente appareceu depois: *o capital.* De facto assim é, e tal é a preponderancia de alguns sobre outros, ás vezes mesmo de um sobre todos, que não raro, rompido demasiadamente o equilibrio entre elles, immediatamente ou remotamente serias perturbações de ordem economica e financeira e politica se desencadeiam no seio de uma ou mais nações, sacudindo com abalos formidaveis o desenvolver calmo e sereno dos povos.

Ora, o Brasil como as demais nações defronta-se, no momento, com um dos maiores abalos havidos em todos os tempos decorrente da ruptura das relações harmonicas entre os referidos agentes da producção — abalo este advindo da grande guerra (1914-1918) e cujas consequencias mais ou menos remotas vieram bater em suas praias, quebrando, tambem aqui, o rythmo natural do seu progresso e de sua civilização.

Quem se propuzer, pois, o exame do complexo e variado problema brasileiro — deverá, para com segurança chegar a uma conclusão, mais ou menos certa, encarar a Nação no plano em que ella se defrontou e continua a se defrontar com estes quatro agentes da producção isto é, a *Terra,* o *Homem,* o *Trbalho,* e o *Capital.*

E' o que iremos tentar no decorrer destas paginas nascidas todas do desejo de corroborar com os demais brasileiros, sinceramente empenhados na difficil tarefa de auxiliar a Patria, envolvida por formidavel crise economica, financeira, politica e social, a se recompor; a apressar a cura definitiva das feridas que gotejam e sangram a ultima seiva vitalizadora que lhe resta do organismo combalido pela esteira immensa dos males do passado accrescidos com os do presente.

Este trabalho fugirá em sua maior porção á regra geral.

E' que a maioria dos que criticam os diversos "casos" nacionaes registram, ás vezes, com precizão, os males que corroem o organismo enfermiço da Nação, mas, certa ou errada, não lhes indicam a therapeutica adequada.

Horror á responsabilidade?

Receio de se arcar com as consequencias decorrentes de um diagnostico apressado?

Somos dos que pensam que ninguem deve criticar sem corrigir; destruir sem construir.

Dahi o plano geral deste trabalho em o qual, em seu ultimo capitulo, encontrará o leitor a directiva que, em nosso modo de vêr, deverá tomar a Nação Brasileira — si quizer, ella, sahir do ambiente de desassocego, de intranquillidade e de desconfiança em que se debate presentemente com suas finanças arruinadas, sua economia desbaratada, seu cambio a oscillar entre algarismos jamais vistos na curva de suas taxas atravéz da curta vida do Paiz, o commercio, pouco a pouco, paralyzando-se, a estourar em fallencias ruinosas, as industrias a se estiolarem e a lavoura, grande victima de um Fisco escorchante, aos pedaços, esfrangalhada, entregue á sua propria sorte.

Acertaremos em assim procedendo? Não o sabemos.

Certo é que, nos capitulos que se seguem, agitam-se algumas idéas colhidas, umas nas differentes correntes socialistas que marchetam a historia de varios povos mais cultos do que o nosso, no passado como no presente, — outras do proprio autor.

Os principios e as idéas, que arcabouçam toda e qualquer concepção politica ou não, são como as sementes. Si máos fenecem, morrem ao contacto da terra generosa e fecunda; si bons medram, prosperam e fructificam em messes bemdictas pelos tempos em fóra.

Atiremol-os, pois, ao seio uberrimo de nossa Terra — onde quarenta milhões de brasileiros bem ou mal, neste pedaço da America, formaram já uma nacionalidade e vêm, paulatinamente, com labor e com intelligencia, forjando uma nova raça a se enfileirar, amanhã, ao lado das demais que constituem o grande conjuncto dos outros povos do globo.

*

* *

Aterra é fertil e feraz. De tudo produz o Brasil — pois que a natureza aqui foi prodiga em offerecer ao homem o seu seio rico e abundante.

Desde o nosso sub-sólo, onde ricas jazidas de ouro, diamantes, pedras coradas, mica, ferro, manganez e diversos outros mineraes estão a convidar seus habitantes para a grande pugna de um trabalho ordeiro e honesto até á exuberancia das nossas mattas, onde se encontram madeiras de todas as qualidades, rica flóra medicinal e ainda campos a perder de vista, onde milhões de individuos das raças cavallar, lanigera e bovina poderão se appascentar, mares e rios em cujas aguas a industria da pesca poderá ser praticada em grande escala, costas ao longo das quaes o commercio maritimo ha de se fazer, como já vae acontecendo, em larga escala — com uma variedade de climas que vae do torrido ao temperado e deste ao frio — á Nação Brasileira está reservado um grande e promissor futuro, que poderá ser um amanhã proximo si os seus filhos procurarem, com os olhos da intelligencia e com os olhos do coração, resolver os seus magnos problemas.

A proposito vamos transcrever para aqui trechos da impressionante descripção da "*Paisagem Gêo-Politica*" do Brasil, que nos offerece o magnifico tratado de Geographia Commercial de Lindolpho Xavier: "O Brasil possue productos de quasi todas as regiões do globo. Collocado nas zonas equatorial, sub-tropical e temperada-doce, as suas terras produzem de tudo, podendo bastar-te a si mesmo. Vindo desde a fertil e quente Amazonia até as regiões frias do Prata, bordado pelo litoral extenso de 12.000 kilometros e indo confinar nas abas dos Andes, começando a 5.º, 10” de latitude norte, nas serras Parima e estendendo-se até 33º, 46” de latitude sul, nos confins do Uruguay, e de leste a oeste de 37º a 77 de longitude O. de Paris, possue o Brasil 775 leguas de norte a sul e 860 de leste a oeste.

Por esta superficie de 8.500.000 kilometros quadrados se encontra tudo quanto é aspecto geographico: mattas virgens, florestas intrincadas como as da Amazonia, onde o homem difficilmente conseguirá descobrir e explorar as riquezas innumeras occultas, rios immensos e piscosos, com cachoeiras poderosas para mover a industria do futuro e largos trechos navegaveis, campos de pastagens abundantes e ricos, podendo alimentar todo o rebanho contido no mundo, litoral piscoso e fertil, com enseadas, bahias, portos, estuarios, deltas, cabos, pontas e ilhas recortadas em mil formas; montanhas magestosas, como as de Parima e as cordilheiras Central, Vertentes e Maritimas; planaltos como o Central que é o maior do globo e onde se divizam intérminas campinas, poeticas lagôas e opulentos valles; picos altaneiros como os de Itatiaya, Pyrineus, Roraima, Tijuca e da Bandeira. Emfim cidades importantes como Rio, São Paulo, Bello Horizonte, Manaus, Belem, Recife, Bahia, Porto-Alegre, Ribeirão Preto, Petropolis, Fortaleza e Santos. Cortam as terras 32.000 kilometros de estradas de ferro que trazem o commercio do interior para o litoral e vice-versa, creando centros commerciaes extensos. As montanhas e os valles de quasi todo o Paiz occultam riquezas mineraes opulentas e variadas, muitas ainda desconhecidas, capazes de collocar o Brasil num dos primeiros postos ao lado da Inglaterra, dos Estados Unidos, do Mexico, da Allemanha e da França. A marinha mercante começa a surgir, os portos estão se construindo, o telegrapho, já corta o paiz todo, fundam-se bancos, cream-se escolas profissionaes. Com a sua variedade de climas as producções do Brasil são tambem variadas. Ao sul, encontramos o trigo, o linho, o lúpulo, o centeio, a cevada, as uvas, a alfafa — proprios dos paizes frios.

Ao norte, temos a borracha, a castanha, o cacau, a copaiba, a canna de assucar, a laranja, a banana, o abacaxi, a manga, proprios das zonas quentes.

Em todo o paiz cria-se o gado, plantam-se os cereaes, as hortaliças.

O café vegeta de Santa Catharina ao Amazonas e tem seu centro de producção mais desenvolvido em São Paulo, Minas Geraes, Rio de Janeiro e Espirito Santo.

....

O algodão projecta ser uma das maiores riquezas do Brasil. As jazidas de ferro dormem á espera de combustivel mineral.

Os poços de petroleo ainda não quizeram apparecer — mas o brasileiro espera a solução providencial."

....

Esta a terra brasileira. E o homem?

Do caldeamento dos tres factores: europeu, indio e africano, representados pelo portuguez, o aborigene, e o negro — apressado pelo sangue novo da corrente immigratoria — surgirá bem cedo o typo brasileiro do futuro. Mesmo assim já se fixam caracteristicos definitivos no caboclo do norte e do centro, assim como, no gaúcho do sul — ante-visão do homem de mais alguns annos — leal, forte, sagaz, diligente e activo.

Povo semi-latino com todos os defeitos e qualidades bôas dos tres ramos que lhe deram origem — o brasileiro não tem sido um pária ou prodigo no meio da natureza que o cerca.

Tem produzido e trabalhado, levantando na America do Sul, com labor e intelligencia e em um ambiente quasi de paz eterna e de braços abertos á civilização dos outros povos mais cultos da terra — um grande padrão de progresso.”

Ainda é Lindolpho Xavier quem nos diz no livro citado: “Dominamos o sólo, fizemos a independencia, criamos um commercio e hoje somos a primeira republica da America do Sul, conseguindo este facto raro: trazer mais tarde as correntes de sangue branco com que hoje vamos assegurando a vitalidade brasileira, sem perder a lingua e as tradicções.”

Ora, uma terra assim e habitada por uma gente laboriosa, activa e progressista — que falta ao Brasil para se tornar uma das maiores potencias economicas do mundo? “*Trabalho* bem organizado, diffundido e fomentado pelo *Capital* que lhe tem faltado sempre. Organizemos, pois, o trabalho no paiz, moldando-o e methodizando-o de accordo com os processos modernos, de accordo com as correntes de idéas mais aptas a lhe dar grande incremento, a lhe dar uma grande duração, a lhe dirigir sua projecção realizadora em terreno seguro, sem espinhos e sem surprezas.

Para isto afigura-se-nos necessario escolher dentre as correntes que nos apresenta o problema social contemporaneo — a nova ordem social de após-guerra — qual a que melhor se adapta ás nossas tradições, aos nossos costumes e á nossa indole de povo amante da liberdade, do direito e da justiça.

SOCIALISMO EM GERAL

SOCIALISMO EM GERAL (COMMUNISMO, COLLECTIVISMO, SOCIALISMO AGRARIO, COOPERATIVISMO, SAINT-SIMONISMO, ANARQUISMO E SINDICALISMO).

Vejamos, pois, á luz das escolas socialistas, o que se poderá deduzir relativamente á orientação que deverá o Brasil tomar nesta grande hora que vêm vivendo todos os povos, sacudidos, como jamais, por um palpavel descontentamento no presente e um anseio incontido por dias melhores no futuro.

Tomando os quatro agentes da producção, isto é, a *Terra*, o *Homem*, o *Trabalho* e o *Capital*, as diversas correntes socialistas estão de accordo que, no mundo, ha um grande desiquilibrio social. Dahi acharem todas que a actual ordem de cousas está, mais que nunca, mal posta, já que confere ella "a um pequeno numero de parasitas o poder de explorar a massa esmagadora, fazendo-a trabalhar em seu proveito".

Partindo deste postulado poder-se-á dividir o socialismo em sete ramos differentes e que são:

a)—Communismo
b)—Collectivismo
c)—Socialismo agrario

d)—Cooperativismo
e)—Saint-simonismo
f)—Anarquismo

g)—Syndicalismo
  - Syndicalismo internacionalista ou collectivista
  - Syndicalismo nacionalista ou fascista.

Consideremos, de per si, cada qual destas divisões e, ao depois, seleccionemos, si possivel, a que melhor se adaptar ás necessidades actuaes do Brasil, como um dos factores que virão apressar o advento de uma nova éra de paz, de tranquillidade e de bem estar ao seu povo.

Communismo. — O communismo teve como seu precursor no seculo XVI a Campanella. Campanella era monge. Nasceu em 1568 e morreu em Pariz no anno de 1639.

Escreveu a "Cidade do Sol" — livro em que lançou as bases de uma organização social communista. Nelle phantasiava existente, na ilha de Taprobana, descoberta por um capitão genovez, um regimen igualitario.

Depois apparece o verdadeiro theorico do communismo, já no seculo XVIII, e que foi João Jacques Rousseau — levantando com o seu celebre "*Discurso sobre a desigualdade*" a genuina questão social. Por fim Babeuf, em plena revolução franceza, enfrentando o directorio, após o 4 de *Brumario* do 3.° *anno,* com a seguinte invectiva: "*Antes a desordem do que uma ordem em que se morre de fome. Que tudo entre no* *chaos e que desse chaos* sáhia *um mundo novo e regenerado.*" Preso varias vezes por suas idéas extremamente radicaes, de uma dellas foi condemnado á morte. Suicidou-se antes de ser guilhotinado. Sua doutrina baseava-se em que:

1.º — A natureza dá a todos um direito igual ao gozo de todos os bens;

2.º — O fim da sociedade é defender esta igualdade, muitas vezes atacada pelo forte e pelo mau, pelo concurso de todos e para o gozo commum;

3.º — A natureza impoz a cada um a obrigação de trabalhar: ninguem póde, sem commetter um crime, subtrahir-se ao trabalho;

4.º — Os trabalhos e os gozos devem ser communs;

....
....

7.º — Na verdadeira sociedade não deve haver pobres, nem ricos;

....

9.º — Ninguem pode, por accumulação de todos os meios, privar outrem da instrucção necessaria para sua felicidade: a instrucção deve ser commum.

Era um revolucionario temivel, não só porque doutrinava como agia, chegando mesmo a preparar um golpe revolucionario, em seu paiz, e que, victorioso, instituiria uma republica para a qual já havia concluido parte de sua codificação, principalmente sobre a actividade economica e a administração publica.

Sem ser Babeuf, assim como, Campanella, diversos philosophos e escriptores manifestaram idéas communistas nos diversos seculos que se seguiram ao triumpho do christianismo. Ao lado destes dois precursores do communismo podemos enfileirar os nomes de Morely, Gueudeville, Wycliffe, Fox, Linguet, Fauchet e tantos outros que nunca sahiram, porém, da theoria para praticar suas idéas.

Buonarotti, no entanto, foi quem collocou nos seus devidos termos o communismo de Babeuf, affirmando que "a igualdade deve medir-se pela capacidade do trabalhador, pela necessidade do consumidor e não pela intensidade do trabalho, pela quantidade de objectos consumidos". Buonarotti lançou, assim, a pedra fundamental do moderno communismo moldando a theoria á pratica.

Deste postulado foi se servir Karl Marx, no seculo seguinte, para elaboração de sua doutrina economica, social e politica, de cuja concepção ideologica, sahiria o communismo hodierno. Delle falaremos ligeiramente quando tratarmos do collectivismo.

Na synthese rapida do historico da doutrina em apreço que vimos fazendo, poderiamos accrescentar na idade antiga Platão, philosopho atheniense que, em sua obra "Republica", affirmava: "*Eu vos declaro na minha qualidade de legislador que não vos olho, nem a vós, nem os vossos bens, como pertencendo-vos a vós mesmos, mas como pertencendo a toda a vossa familia, com todos os seus bens como pertencendo ao Estado.*"

A mais antiga realização dessas idéas, depois da civilização greco-romana, informa-nos no seu livro a

"Verdadeira Questão Social", Augusto Cesar — foi sem duvida a levada a effeito, na China, pelo visionario Wang-Ngou-Chen no reinado do imperador Chen Tsoung, pelo anno 1.000 de nossa éra.

Deixaremos, no entanto, de classificar aqui, como organizações communistas, as que se formaram logo no apparecimento do christianismo por religiosos e, das quaes, as duas mais antigas foram a da Congregação dos Primeiros Christãos, em Jerusalem, e a de S. Marcos, no Egypto, e, a mais recente, a dos jesuitas no Paraguay.

Assim procederemos porque o christianismo pregava a communhão de todos os bens na terra, o afastamento dos prazeres mundanos — partindo do principio que antecipavam, deste modo, os seus adeptos, com a renuncia dos bens terrestres e o sacrificio dos seus haveres, — a recompensa que teriam no céo.

Ora, baseados os communistas contemporaneos em certas passagens da Biblia — dizem elles que a doutrina fôra pregada por Christo, sendo a communhão dos bens a pratica adoptada pelos primeiros christãos. De facto essa communhão existiu. Não, porém, como a querem os socialistas-communistas.

Para provarmos isto vamos recorrer a alguns topicos da historia sacra.

São Lucas, no capitulo segundo dos Actos dos Apostolos diz: "Tambem todos os que criam estavam unidos, e tinham todas as coisas em commum (v-44)." Vendiam as suas propriedades e seus bens, e os repartiam com todos, conforme a necessidade que cada um tinha (v-45)" e mais adiante — Cap. 4.°, versiculo 32: "E da multidão dos que criam o coração era um e uma a alma; e nenhum considerava o que possuia como proprio seu, mas tudo entre elles era commum."

Ainda no Cap. 4.º, — v. 34-35: "Tambem não havia nenhum necessitado entre elles; porque todos que eram possuidores de campos ou de casas, vendendo-os, traziam o preço do que vendiam e o punham aos pés dos apostolos, e repartia-se por elles em particular segundo a necessidade de cada um."

Ha ainda trechos eloquentes de S. Pedro — como por exemplo quando a Ananias interpellava: "...porque mentiste sobre o preço do campo? Por ventura, conservando-o, não era teu, e mesmo vendendo-o não estava á tua disposição o preço?" Cap. V, v. 3-4.

Confrontando estes textos, e são elles mais que bastantes, verifica-se, de entrada, o embuste da argumentação communista em querer provar: — que a communhão de bens praticada pelos primeiros christãos e a que aconselham presentemente são identicas.

Entre os christãos, na ideologia social christã — o facto se revestia da caracteristica de doação, isto é, não havia obrigatoriedade para o membro da communhão de dar o que possuia. Dava as terras e as colheitas porque queria. Vendia o que possuia e, o valor recebido, entregava-o por livre e espontanea vontade. Agia pelo coração; procedia levado pelo sentimento de caridade, de solidarismo christão.

E' isto o que se observa na doutrina communista leiga, no *marxismo, no babeufismo?* Não. Aqui, toma-se á força, viola-se o direito de propriedade, desapropria-se, em nome do Estado, quando lá, no regimen christão, tudo era dictado pela convicção tranquilla de quem dava

— praticando a caridade — á espera, tão sómente, da contemplação, de alêm-tumulo, da graça dos céos que recompensaria o sacrificio praticado na terra a bem dos que soffriam, dos que necessitavam. Com isto procuravam os primeiros christãos imitar os apostodos em sua vida simples, despida de preconceitos e de vaidades.

No communismo contemporaneo, porêm, não se trata mais de *dar* e sim de *tomar,* em nome de uma classe, o que possue outra. E' a violencia; é a negação completa do direito de liberdade.

O communismo contemporaneo, dest'arte, orienta-se numa directriz absolutamente materialista como teremos occasião de, em varias passagens deste livro, documentar.

Préga, aconselha e deseja elle a suppressão total da propriedade particular. Realiza o Estado a confiscação geral de todos os bens moveis e immoveis, passando sua exploração, directamente, para o contrôle dos commissarios do povo, isto é, extincto o direito de propriedade privada, passam os habitantes do paiz, quando aptos, a operarios de uma mesma corporação economica: o Estado.

Os serviços publicos, o ensino, a saude, a administração juntam-se, então, todos os referentes ás industrias, ao commercio, á lavoura, aos transportes, etc.

Supprimem-se os direitos de Familia e Religião existentes, tendo tudo por cupola a socialização ampla do trabalho em todas as suas manifestações, quer sejam ellas de ordem manual ou intellectual.

Assim é que Erfurt, em seu programma, declara que o socialismo-communista quer: a transportação dos meios de producção do dominio privado para o bem commum, e a alteração da producção actual, que deve ser socialista promovida pela communidade.

O communismo encarado deste modo tende, pois, para um systema novo de producção que se baseia na posse e administração dos meios actuaes de produzir. Dahi se deduz:

a) — a abolição do dominio privado e de todos os meios de producção actuaes, que devem passar para a communidade;

b) — a communidade produz segundo plano determinado. A communidade, podemos dizer o Estado, toma para si o emprego opportuno dos meios de produzir, como tambem, a guarda e a distribuição da producção total;

c) — a producção pertence ao Estado e, deduzido o que fôr preciso para a communidade, é distribuida, então, entre os seus membros. O communismo, deste modo, é francamente revolucionario porque, para attingir ao escopo almejado, isto é, a socialização pelo Estado de todos os ramos productores do paiz, necessita de se transformar no proprio Estado, motivo que o leva a aconselhar e a pregar a conquista violenta dos poderes constituidos. E', assim, genuinamente revolucionario.

Collectivismo. — Este ramo differe do precedente porque deseja, sómente, a abolição do trabalho salariado. Tem como finalidade a obtenção do contrôle administrativo das fabricas, minas, usinas, differentes emprezas, etc. Não vae até á propriedade territorial que respeita e adopta desde que seja ella repartida em pequenos lotes.

Os collectivistas estribam sua ideologia revolucionaria em dois principios que assim enunciam:

a) — Todos os meios de producção industrial tendem a revestir a forma collectiva;

b) — Contrariamente, todos os meios de producção agricola tendem a se subdividir cada vez mais — passando de natureza collectiva a integralmente particular. Argumentam e procuram documentar:

A tendencia moderna é de associação dos valores economicos em face da producção que, pouco a pouco, foi occupando o logar da actividade industrial fazendo surgir, graças á lei das sociedades anonymas, responsabilidade limitada e illimitada, as grandes empresas industriaes, os *cartels*, os grupos: fabricas, usinas, caminhos de ferro, etc.

Bem verdade, dizem elles, que, nestas sociedades, manda o capital, porêm, que, actualmente, é isto uma das etapas da evolução chegando-se, forçosamente, á ultima em que os trabalhadores — ou se revoltarão appropriando-se de todos os meios de producção pelo violencia, pela revolução social; ou, pacificamente, occuparão, por meio das eleições, os postos de direcção do Estado e, neste caso, será promulgada a collectivização de todos os meios de produzir, excepção do agricola cuja tendencia é passar das mãos dos grandes proprietarios ruraes para as dos pequenos agricultores.

Outro principio basico da doutrina collectivista é que á toda a ordem moral, juridica, etc. — precede a ordem economica. Desprezando toda a razão de ordem moral desvia mdo cérebro, isto é, do *espirito para o es-*

tomago o grande centro de gravitação de toda a questão social. Dahi o que se chama *materialismo historico.*

Karl Marx e Engels foram os iniciadores deste novo movimento doutrinario. Isto em 1847, lançando elles, o "Manifesto do Partido Communista" e publicando Marx o seu celebre trabalho "O Capital" em cujas paginas, inspiradas na concepção revolucionaria de Buonarotti, vazou elle todo o credo *collectivista* ou *marxista* como passou a ser chamado e que, em 1917, havia de empolgar, para ser moldado na pratica, a Russia, com a denominação de *bolchevismo.*

SOCIALISMO AGRARIO. — O socialismo agrario preconiza, tão sómente, a suppressão da propriedade rural, pois que sendo a terra riqueza natural deve ser ella explorada por todos. Não admitte o preceito estabelecido pela consciencia social moderna de que, tanto o trabalho como o capital, entram como elementos de igual valia na obtenção de qualquer producção.

Acha que a terra deve pertencer a todos ou ser dividida em pequenos lotes, que deverão ser trabalhados pelos seus proprios donos e não pelo trabalho salariado.

COOPERATIVISMO. — O cooperativismo relativamente tem uma idade bem curta.

Certo, em 1777, em Birmingham, após um movimento grevista por parte de alguns alfaiates, esboçou-se, naquella localidade, um arremedo de cooperação, chegando-se, mesmo, á creação de uma sociedade de producção.

O inicio, entretanto, da era cooperativista deve ser assignalado na data da fundação da sociedade "Pioneiros de Rochedale" na povoação de nome igual, situada perto da cidade de Manchester (Inglaterra), no anno de 1844.

Esta sociedade, a principio fundada por 28 tecelões, cresceu em pouco, tornando-se o centro de irradiação de todo o movimento de cooperação no Reino-Unido.

A organização, desenvolvendo-se dia a dia, fundou fabricas, armazens geraes, serviços de assistencia hospitalar, bancos, viação, etc.

Para se ter uma idéa do dynamismo constructor com que a iniciativa *rochedaleana* se apresentou, vamos transcrever para aqui algumas cifras estatisticas de operações da sociedade — em as quaes ver-se-á a curva sempre ascendente do seu progredir incessante, depois que, as cooperativas nascidas da clarividencia dos primivos 28 tecelões de Rochedale, deram vida ás *Wholesales* (sociedade de vendas por atacado). Eil-as:

Vendas:

Em 1864	1.300.000	francos	oiro
" 1884	112.000.000	"	"
" 1891	220.000.000	"	"
" 1920	1.300.000.000	"	"
" 1924	1.800.000.000	"	"

A Wholesale de Manchhester tornou-se manufactureira, abrindo as suas primeiras fabricas em 1872. **Já** em 1874, transpõem seus negocios a Mancha e abre ella armazens geraes na França (Ruão e Calais), e na Allemanha (Hamburgo).

Ampliando-se sempre o raio de acção de seus negocios, constróe o navio "Pioneiro" para transporte dos artigos produzidos pelas suas fabricas. Isto em 1876. Vinte annos depois, 1896, compra a sociedade um terreno de 300 hectares em Rodenn e funda ahi uma grande colonia: plantações, jardins, asylo para os empregados, escolas, etc.

Essas Wholesale são as federações de diversas outras cooperativas isoladas. Não dão dividendos e sim bonificações proporcionaes ás vendas effectuadas e divididas por cada adherente.

A Wholesale de Manchester possuia, conforme estatistica de 1927, 111 fabricas tendo em serviço 80.000 operarios.

Essas cifras foram por nós colhidas na obra de Charles Gide "La Cooperation à l'Etranger — Angleterre et Russie".

Assim, o cooperativismo passando logo depois de 1844 á França, alli appareceu, principalmente, sob a forma de producção. Teve como seu grande apostolo Casemir Perier que, em 1863, incentiva sua propaganda e diffusão a ponto de, já em 1925, só cooperativas de consumo a França apresentar 4.000.

Na sua marcha victoriosa para o futuro o cooperativismo surge na Allemanha, sob a forma de credito, pregado por Schulze-Delitsch, fundando caixas ruraes, e, na Italia, logo depois com Luigi Luzzatti, á frente, com os bancos populares.

N. Garrone, eminente commercialista italiano, em seu tratado "La Scienza del Commercio", nos diz dos *artéle*, sociedades, tambem, com essencia cooperativista, fundadas na Russia muito antes da greve dos alfaiates de Birmingham em 1777. Essas sociedades, porém, não tinham o fito de eliminar o intermediario e sim de, collectivamente, produzir-se este ou aquelle artigo necessario ao consumo, notadamente o leite, o que não se podia conseguir individualmente.

Ainda em Garrone, obra citada, vê-se que, até 1915, existiam, nas diversas nações cooperativistas, 60.000 cooperativas congregando, em seu seio, 12 milhões de societarios.

Em rapido bosquejo, eis o historico do cooperativismo, que teve como seu precursor, de facto Roberto Owen, que, em 1813, fundou em Nova-Lanark (Escossia) uma colonia com 2.000 operarios. Esta colonia applicava a sua actividade numa fabrica de fiação por ella criada, moldada toda a sua organização em regimen cooperativista.

Deixando de parte estas pesquizas de ordem originaria da corrente socialista que estamos considerando — encaremos a verdadeira ideologia cooperativista.

O cooperativismo visa, tão sómente, a eliminação do intermediario.

Admitte o capital e admitte a propriedade privada, não indo, ás vezes, ao extremo de afastar por completo o intermediario procurando, apenas, limitar seus lucros.

Clara, portanto, a immensa differença entre o cooperativismo e os outros tres ramos do socialismo scientifico.

Emquanto estes são francamente revolucionarios, aquelle é simplesmente evolucionista, adoptando a formula: "Laisser faire, laisser passer" sem se preoccupar com a organização politica dos paizes onde é elle praticado, sem desejar empolgar as redeas do poder, respeitando, por toda a parte, a propriedade privada.

Moderado e suasorio, nada quer obter pela violencia, antes por leal e cordial persuasão entre os seus adeptos.

O cooperativismo é, por isso mesmo, uma sociedade de pessôas aggregadas para, sob uma mesma bandeira, mutuamente se auxiliarem. Dahi o seu triplice aspecto bemfeitor, dahi abranger elle toda a actividade humana relativa á producção, ao consumo e ao credito. Dahi sua subdivisão em:

1.º — Cooperação de consumo. Aquella que, formada de um certo numero de interessados, se propõe abolir o intermediario na compra de todos os artigos consumidos por cada um. Assim é que fundam-se armazens providos de viveres, machinas, adubos, objectos de uso commum na vida (roupas, chapéos, calçados, etc.) — onde os associados se abastecem comprando os artigos pelo custo de acquisição nos mercados fornecedores, acrescido este custo, apenas, de uma modica commissão para manutenção do estabelecimento de accordo com a lei basica de constituição da sociedade. Padarias, leitarias, livrarias, etc. — são ramos, tambem, explorados neste genero de cooperativa.

2.º — Cooperação de producção que se subdivide em duas especies: a) — diversos interessados cotizam-se com certa quantia, adquirem terrenos apropriados, criam uma propriedade e a exploram agricolamente, isto é, praticam a mono ou polycultura; fundam, outras vezes, uma fabrica, uma usina. De accordo com os estatutos em que é moldada a sociedade, são os productos levados aos mercados consumidores e o apurado distribuido pela communidade — b) — diversos interessados já possuem, neste caso, cada qual sua propriedade. Os productos obtidos do trabalho de cada um são entregues á cooperativa de que são todos socios. A sociedade recebe-os, beneficia-os, separa-os em diversas especies e typos e leva-os ao mercado consumidor. Da mesma maneira que a precedente o liquido apurado, com a vendagem dos artigos que offerece em praça, é distribuido de accordo com as suas disposições estatutarias e na proporção da entrega que foi feita, em quantidade e qualidade, por cada accionista.

3.º — Cooperação de credito. Aqui apparece o capital como mercadoria. Visam igualmente estas sociedades a eliminação do intermediario, approximando, intelligentemente, o *capital* do *trabalho* sempre onde existir ou puder surgir este e faltar aquelle. São, no Brasil, sociedades de credito operando, unicamente, com os seus associados com taxas de descontos pré-estabelecidas o sufficiente para cobrir suas despezas, criar um fundo de reserva e retribuir, modicamente, o capital nellas invertido.

Todas estas tres modalidades de cooperação, isto é, consumo, producção e credito têm, como vimos, em vista, a eliminação do intermediario. Para isto estabelecem normas das quaes não se podem affastar: taxas de descontos, de depositos, de ordenados, de gratificação ao funccionalismo, de bonificações aos consumidores, de organização dos seus fundos de reserva, de beneficiencia etc. approvadas em suas assembléas de constituição ou annuaes.

Em linhas geraes, eis o que é o verdadeiro cooperativismo cuja bandeira significa uma legitima aspiração de igualdade e maior justiça entre os homens: "*Todos por um e um por todos*", ampliação hoje adoptada pela consciencia social moderna para o lema idealisado por Roberto Owen, na Inglaterra, no seculo XIX, assim enunciado simultaneamente por Charles Fourier na França: "cada um segundo suas necessidades, segundo seus meritos e segundo seu trabalho."

Dest'arte, desde o seculo passado, a economia politica abriu um capitulo especial a estas novas doutrinas socialistas.

Agindo deste modo os adeptos do cooperativismo foram forçando as portas da civilização, rasgando novos horizontes á industria moderna.

Pari-passu os governos vieram acompanhando o evoluir da nova ordem de cousas, sendo os parlamentos obrigados a legislar, sobre a materia, concretizando em leis e decretos o novo *modus-vivendi* que apparecia para o trabalho moderno.

Diz J. J. Soares, em seu magnifico livro "Sociedades Cooperativas": "*O cooperativismo visa antes de tudo educar o homem, habilitando-o a resistir aos impulsos da fraude, das baixas explorações da usura, desenvolvendo-lhe as energias para ajudar a outrem, ajudando-se a si mesmo.*"

Dahi ser ella uma obra eminentemente de acção social e, por isto mesmo, olhada e prestigiada com toda a sympathia pelas religiões oriundas do VERBO milagroso de Jesus.

Haja vista a benevolencia que lhe é dispensada pelo clero catholico do mundo, notadamente da Italia, da França e do Brasil.

Seria interessante indagarmos a razão desta sympathia que, a muitos, poderá parecer paradoxal — partida da Igreja a favor duma corrente em que se divide o socialismo scientifico, fluindo, parallelamente com o communismo, do mesmo tronco que lhes deu origem.

Vamos, para tanto, dar a palavra ao eminente economista francez Charles Gide que, nas linhas seguintes, nos porá ao par dos motivos desta affinidade manifestada pela Igreja ás idéas cooperativistas de nossa época. Doutrina esse economista: “*O catholicismo tem uma concepção mais ampla de todas as leis economicas. Faz parte da escola classica, crendo que todos os phenomenos de ordem economica são regidos por leis dictadas pela Providencia. Combate por isto o liberalismo em que vê a verdadeira causa de toda a desorganização social vigente. Profliga toda a fé sem limite que se collocar no preceito da liberdade individual. A vehemencia da critica que o catholicismo dirige contra a organização actual, contra o capitalismo, contra o açambarcamento, contra os lucros exagerados, contra o livre-cambio e todas as formas do internacionalismo, valeu-lhe a cognominação de Socialismo catholico por parte dos liberaes. De facto, a escola catholica differe “in-totum” do socialismo em geral porque jamais propoz ella abolir as instituições fundamentaes da ordem social vigente; a propriedade, a heredi-*

tariedade, o salariado, etc. mas, ao contrario, procurando sempre enquadral-as todas dentro do verdadeiro espirito christão."

Emfim, o catholicismo crê que o mundo deverá se transformar radicalmente approximando-se o quanto possivel do reino de Deus, motivo por que todos os crentes devem cultivar o espirito de solidariedade humana, ajudando-se mutuamente sem a ambição, a usura e o egoismo — preparando-se deste modo, na terra, o advento d'uma era legitima e real de perfeição.

Do exposto se conclue que, no verdadeiro e são cooperativismo, cuja divisa, como já dissemos, é: "*cada um por todos e todos por um*", foi que a Igreja veio, em sua eterna sabedoria, "encontrar a formula pratica, a realização já triumphante do ideal evangelico".

Esta a razão por que o catholicismo e o christianismo, em geral, encaram com tanta sympathia as idéas de cooperação economica sobre o momento social moderno, ideas essas que não são revolucionarias e sim evolucionistas, tentando ellas resolver todos os problemas que dizem respeito á prosperidade de cada nação dentro da ordem, do direito, e da justiça pouco se lhes dando que essas nações sejam imperios, dictaduras ou republicas — contanto que as formas de governo constituidas pratiquem a legitima politica que é: bem governar os povos, bem administrando os serviços publicos — em um ambiente de justiça serena e igual.

SAINT-SIMONISMO. — Esta sub-divisão, si assim nos fôr permittido chamal-a, tirou o nome do seu inspirador o conde francez Claude Henri de Rouvray Saint-Simon, nascido e morto em Pariz (1760-1825).

Escriptor e philosopho, publicou as seguintes obras em cujas paginas condensou o seu modo de pensar relativamente á questão social: "Introducção aos trabalhos scientificos do seculo XIX", "Reorganização da Sociedade Européa," "A Industria", "O Novo Christianismo".

Grande pensador, philosopho na expressão nobre do termo, era Saint-Simon, acima de tudo, um inquieto e um combatente. Tanto assim que, transpondo o Atlantico, vamos encontral-o entre as fileiras de Washington lutando, como Lafayette, pela independencia dos Estados Unidos.

Propriamente não foi um socialista, visto reconhecer e defender em sua doutrina o direito da propriedade particular.

Em sua obra a "Reorganização da Sociedade Européa" pontificava elle: "A sociedade actual é verdadeiramente o mundo ás avessas, pois que a nação admittiu, como principio fundamental das suas instituições, que os pobres devem ser generosos para com os ricos, e, em consequencia disso, os mais necessitados se privam todos os dias de uma parte do necessario para augmentarem o superfluo dos grandes proprietarios que vivem na ociosidade e na abundancia."

Em que se synthetisava, porêm, a ideologia socialista de Saint-Simon? Sendo elle nobre, imbuido dos preconceitos que alicerçaram, até a revolução franceza, o poder dos reis, — o philosopho não concordava com a separação da Igreja do Estado. Pensou em fundir os dois poderes criando um regimen genuinamente theocratico.

Assim, estabeleceu que o "corpo" não podia passar sem o "espirito", corpo aqui era o Estado e espirito o poder papal — o que vinha de Deus. Dessa harmonia, desta juncção do "corpo" com o "espirito", surgiria uma nova entidade o "Pae", substituindo o papa e o rei, a dirigir uma sociedade "dividida em tres grandes classes: os sabios, os artistas e os industriaes. Cada uma dessas classes seria dirigida pela sua individualidade mais proeminente."

Saint-Simon cimentava com o "amor" sua concepção de um novo Estado onde tudo seria harmonia, cooperação, ajuda mutua. Tinha como divisa "A cada um conforme a sua capacidade conforme seu trabalho." Não admittia a herança que, a seu modo de ver criava na sociedade a ociosidade. Todos deviam trabalhar. Os meios de producção deveriam ser distribuidos normalmente pelos trabalhadores, eliminando-se o capital.

Doutrinando deste modo chegou a conceber o advento do Novo Christianismo — religião da felicidade terrestre em que a humanidade seria uma unica familia. "E, então, a felicidade reinaria no seio da humanidade porque a terra é bastante rica para dar a todos o seu bem estar, e os homens seriam bastantemente desenvolvidos na sua intelligencia para a poderem explorar."

Teve diversos discipulos que tentaram enquadrar na pratica, integralmente, a sua theoria. Entre elles: — Enfantin, Bazard, Pière Leroux e Blanchi.

ANARQUISMO. — Apresenta-se o anarquismo como o systema politico em que o Estado desaparece por completo — dando logar a um regimen em que cada individuo responderá, de modo integral, pelos seus actos. E', na concepção positivista de Comte "*a ordem desenrolando-se dentro da desordem.*"

Quer os anarquistas passadistas como os modernos — são todos accordes neste ponto: o homem nascendo livre, sem peias, puro, naturalmente — é elle um animal visceralmente bom. A sociedade actual é que o torna mau.

São as leis e os codigos humanos vazados todos elles contra as leis naturaes que, — envolvendo e agarrando o homem pela góla, — criaram o desequilibrio social em todos os tempos — dando nascimento ás castas e ás differenciações sociaes e dahi advindo, ainda, a injustiça e a iniquidade que cimentam, como pedras mestras, todas as organizações quer sejam ellas sob a forma da autocracia feudal, burgueza ou collectivista. As leis que regem os phenomenos sociaes e mesmo todo o rythmo de relações entre os individuos, as familias, as nações, sempre existiram.

Quando os philosophos formulam principios que são discutidos e enquadrados, ao depois pela politica, como leis, nos textos legislativos em vigor, ou elles são bem acceitos e tudo vae bem; ou, são repellidos e tudo vae mal.

A primeira hypothese dá-se quando o homem que os pensou, — inspirar-se em motivos naturaes não attentatorios da moral e da razão, isto é, *descobriu-os porque elles sempre existiram;* a segunda hypothese manifesta-se quando esses principios e, ipso facto, as leis delles decorrentes — são, falsos, são apparentes por não existirem.

Assim pensam e argumentam todos os adeptos do anarquismo. Nada de leis, de codigos, de posturas. Nem Papa, nem Rei; nenhum governo, nenhuma auctoridade quer sejam elles temporaes ou seculares.

Dahi o grito de guerra anarquista contra todas as instituições actuaes em que se movimentam os Estados — democratas ou autocratas.

E' a luta, franca, desmascarada, com o escopo de se implantar o Estado Livre, o Estado em que ninguem porá a mão sobre o hombro de outrem com qualquer particula de autoridade.

Como se vê o anarquismo não admitte o regimen constitucional alicerçado no suffragio universal e, por outro lado, repelle e não acceita o regimen collectivista ou essencialmente socialista. E' o anarquismo, por isto, claramente *individualista;* aquelle regimen em que todos são iguaes, aquelle em cada um, agindo como bem entender, — se desenvolverá ao sabor das leis naturaes. Essa a summula da essencia anarquista em todos os tempos.

Vejamos, porêm, agora, como se apresentou essa corrente, a mais extremista e radical do socialismo, por toda a parte onde mais se caracterizou sua ideologia revolucionaria, atravez dos seus maiores defensores e verdadeiros apostolos.

Indiscutivelmente foi Proudhon o precursor do anarquismo que elle escrevia *an — arquia.*

Nascido em Besançon (França) no anno de 1809, Pedro J. Proudhon, em sua larga vida, passou uma serie de vicissitudes e lutou continuadamente, sem desanimo, em prol de uma sociedade melhor daqual fossem extirpadas as raizes que fazem sempre, ao longo das epocas, vicejar a miseria entre os homens, fosse ella miseria moral ou intellectual.

Collegial, em sua cidade natal, aos 19 annos typographo, caixeiro-viajante ao depois, para logo, em seguida, empregado de uma empresa de transportes — abandonava a nova situação para se estabelecer como director de uma imprensa que o levaria á fallencia, — Proudhon apparece, em plena maturidade — depois de soffrer até miseria, depois de ter percorrido toda uma escala de soffrimentos em que conhecera, estudara e praticara os minimos escaninhos da sociedade do seu tempo, — como candidato a pensionista da Academia de Besançon, em Pariz. Foi sua primeira victoria.

A memoria por elle apresentada, defendida e classificada em primeiro logar entre as dos concurrentes, assim resumia a profissão de fé do eminente philosopho que viria a ser:

"Nascido e educado no seio da classe operaria, dizia elle, pertencendo-lhe pelo coração e pelo affecto e, sobretudo, pela communidade dos soffrimentos e aspirações, a minha maior alegria será trabalhar sem descanço, pela philosophia e pela sciencia, com toda a força do meu espirito para o levantamento physico, moral e intellectual daquelles que me apraz chamar meus irmãos e companheiros."

Algum tempo depois, farto de conhecimentos em todos os ramos do saber humano dada a calma e o socego que lhe proporcionou a pensão *Suard* da acadedemia, conquistada em concurso tão brilhante, — Proudhon, dahi em diante, conta-nos Janet no seu volume a quem devemos estas notas "Les origines du socialisme contemporain", — iria mostrar a pujança de sua cerebração previlegiada. E escreveu a concepção socialista que lhe seria dictada pelo seu immenso saber.

Conhecido, fixando uma época como agitador e philosopho, — atira-se á politica fazendo-se elegar deputado em 1848. Dahi, em 1851, foi levado á prisão para voltar, novamente, á politica em 1860 — encabeçando o movimento revolucionario desencadeado contra Bonaparte.

Proudhon, morrendo em Passy no anno de 1865, deixou, como publicista, uma enorme bagagem de idéas girando todas em derredor da mutualidade. De suas obras destacam-se "Quest-ce que la proprieté?" e Les Contraditions Economiques".

Outro apostolo fervoroso do anarquismo foi Backounine que nasceu em Torjok (Russia) em 1814, morrendo em Berna (Suissa) em 1876.

Foi companheiro de Karl Marx até certo tempo, porêm, adoptando o *marxismo* a formula de conquistar primeiro o Estado para depois implantar a socialização de todos os meios de producção — abandonou o agitador judeu porque, em suas cogitações, não entrava o Estado cujo poder exercido por autocratas, reis constitucionaes ou presidentes, nada mais era do que a tyrania.

Com Bakounine apparece o anarquismo transformado em *nihilismo*. "Havemos de empastelar o mundo para, ao depois, o mettermos em ordem dentro da desordem que é o principio agente de todos os actos humanos" dizia elle na Primeira Internacional, realizada em Genebra em 1867, frente a frente de Karl Marx.

Backounine assim se expressava, por seu turno nos estatutos da *Alliança Democratica Socialista*: "*A Associação dos Irmãos Internacionaes quer a revolução universal, social, philosophica, economica e politica ao mesmo tempo, afim de que da ordem de cousas actual, fundada na propriedade, na exploração, nos principios da auctoridade, quer religiosa quer metaphysica, burguezmente doutrinaria ou mesmo jacobinamente revolucionaria, não fique pedra sobre pedra em toda a Europa, primeiro, e, depois, em todo o resto do mundo.*" E ainda: "*Queremos destruir todos os Estados e todas as suas leis religiosas, politicas, juridicas, financeiras, policiaes, universitarias, economicas e sociaes, afim de que todos esses milhões de pobres entes humanos enganados, explorados, emfim libertos de todos os seus directores e bemfeitores officiaes e officiosos, associações e individuos, respirem então em completa liberdade.*"

Em seguida, no grande scenario das lutas socialistas, morto Bakounine, ainda é a Russia que toma o commando da seita com a apparecimento de Pedro Alexievitch Kropotkine, nascido em Moscou em 1842 e fallecido na mesma cidade em 1921.

São suas obras "Paroles d'un revolté", "La Conquête du Pain", "L'Anarchie", "La Grande Revolution". Em todas ellas pregou o escriptor russo o anarquismo moderno — podendo-se resumir da seguinte maneira a essencia de sua doutrina: *Os anarquistas querem*:

1.° — O communismo anarquista como fim, e o collectivismo como forma transitoria da propriedade;

2.º — A abolição de todas as formas de governo e a federação dos grupos productores e consumidores".

Estes são os tres maiores vultos do anarquismo ao lado dos quaes se enfileiram, em segundo plano, William Godwin, Max Stirner, Tuker e Mckay.

*
* *

Devemos tratar agora do syndicalismo propriamente dito, assim como das suas duas sub-divisões hoje em pratica, cada qual, em seu paiz de origem.

Queremos nos referir ao bolchevismo que empolgou o poder na Russia, em novembro de 1917 sob a dictadura de Lenine (Vlladimir Illich Oulianov — nascido em Simbirsk — Russia — e fallecido em Gorki, perto de Moscou — 1870-1924) — e o fascismo ou o regimen syndical-corporativo nacionalista da Italia, isto é, e respectivamente, o sydicalismo internacionalista-revolucionario ou collectivista (collectivismo-bolchevista) e o syndicalismo nacionalista (Fascismo-italiano).

SYNDICALISMO

SYNDICALISMO (SUAS ORIGENS, O CAMINHO JÁ PERCORRIDO, SUAS TENDENCIAS E SEUS FINS), — SYNDICALISMO INTERNACIONALISTA OU SYNDICALISMO COLLECTIVISTA E SYNDICALISMO NACIONALISTA — BOLCHEVISTA E FASCISMO.

Vivemos hoje, não ha negar, dentro do grande scenario politico do seculo, a grande hora da interdependencia economica.

Dessa interdependencia, creando o *classismo,* firmou-se, na consciencia social moderna, a convicção forte que já passou de vez a época do esplendor da liberal democracia — filha dilecta do individualismo — nato da revolução francesa.

Embora, só bem mais tarde, em começo do seculo passado, foi que a tendencia de associação entre todos os factores do trabalho começasse a se esboçar timidamente em derredor da machina applicada á grande industria e, desde então, vindo em crescendo, impondo-se e se firmando, forçando e abrindo as portas que lhe foram fechadas pelo direito publico e privado, sómente o seculo XX lançou um grande jacto de luz sobre a grande questão social considerando-a em toda a sua altitude, em toda a sua extensão no plano em que se defrontou ella, de chofre, com o *Estatismo* moldado, todo elle, em normas constitucionaes democrata-liberaes.

A revolução franceza foi o ponto de partida para o evoluir a sociedade — do puro *individualismo,* por ella proclamado e defendido, para o *grupalismo* que hoje ameaça se impôr a toda a ordem economica, politica, social e juridica — integrando-se elle e se transformando no proprio Estado.

O Estado nascido da revolução franceza era assim uno, soberano, decorrendo essa unidade e essa soberania do suffragio universal do qual, com grande illusão, e como grande mentira, sahiram todos os governos constituidos de então até agora e que por ahi ainda se arrastam em ruinas, esforçando-se os seus detentores para continuar illudindo o povo que elle é soberano.

O Estado moderno, o Estado após guerra, já se apresenta como o aggregado de diversas celulas sociaes de facto soberanas se justapondo e se conjugando economicamente, dentro de uma grande orbita traçada por um puro classismo como acontece presentemente com o Estado Syndical Corporativo Italiano e com o Estado Sovietico Russo, em cujos regimens, o individuo foi abolido, foi posto á margem pelo proprio Estado que considera, apenas e tão sómente, os agrupamentos, as differentes classes que compõem e formam a nação corporativamente considerada.

Dessa luta, pois, entre o presente e o passado, evoluiu-se do *individualismo* para o *grupalismo.*

Desprezando-se algumas tentativas, registradas na idade antiga, de tendencias *socializantes* — a éra da syndicalização de classe deve ser assignalada pelo advento do *novo-unionismo* na Inglaterra de 1830 a 1834, com a formação das verdadeiras *Trade-Unions* organizadas por Doherty, primeiramente em Manchester, onde fundou elle a Associação Nacional de Protecção do Trabalho — contendo em seu seio 20 Uniões.

Em 1834 apparece no scenario, já então grandemente agitado pelos unionistas, a figura ciclopica de Roberto Owen á frente de 500.000 trabalhadores filiados á sua Grand National Consolidated Union, cujos fins eram: *"soccorrer os adherentes em caso de doença e morte, dar-lhes pensões de reforma, fundar cooperativas e preconizando a greve geral no caso que aos operarios não fosse concedido o trabalho de oito horas por dia."*

Esse movimento que vezes bem trouxe a perturbação da ordem publica, causando serios disturbios e mesmo ameaçando de derrocada ás instituições vigentes, passou ao continente empolgando a França onde iria forçar as portas da legislação d'aquelles tempos.

No maremoto social do seculo XIX, em que o socialismo em geral (o communismo, o collectivismo, o cooperativismo, o anarquismo, o saint-simonismo etc.) agitava idéas e principios, cada programma de reivindicação social, um novo credo em busca da VERDADE, procurada no meio do grande chaos philosophico da epoca — esboçou-se de repente, sem ser esperada e mesmo prevista, uma nova corrente com propositos absolutamente differentes ao nascer das outras que já vinham se impondo ao exame dos estudiosos da magna questão social.

E' o syndicalismo que nem bem foi possivel chrismar ao nascer — si como uma nova doutrina, si como um simples movimento de classes.

Como se operou, porêm, esta transformação?

Como da grande cultura social de então nascia este novo rebento que viria se avolumando sempre até empolgar hoje, já modificado, uma grande nação constitucional democrata como era a Italia até 1922 — transformada, agora, em um novo estado juridico unico até o momento existente no mundo? E' o que passaremos a ver.

Com o advento da machina, substituindo o braço humano surgia, tambem, o problema dos sem trabalho.

Uma machina a funccionar correspondia a dispensa de varios trabalhadores das industrias que os tinham em serviço.

Em creando, no entanto, ella, o problema do *chômage* criava, tambem, como consequencia, que seria bemdicta depois, a derrocada do individualismo com o apparecimento do espirito de classe.

A vida collectiva dos operarios na fabrica, o estreitamento das relações mais intimas de individuo para individuo, o maior convivio do homem applicado em um mistér ao lado de outro homem, tambem preso a este mesmo mistér, o trabalho lado a lado nos mesmos teares — estabeleceu. em pouco o contacto intellectual entre elles; os soffrimentos de um eram os soffrimentos do outro. Confraternizavam-se, assim, nas alegrias como nos pezares, durante as horas do trabalho diuturno e nas de lazer, começaram a enxergar no semelhante não o inimigo a combater, um concurrente a ser evitado, mas sim um outro ser humano a quem se devia estender a mão amiga.

Dahi a solidariedade.

Surgia, deste modo, com a mechanização do trabalho, a vida operaria.

A machina, uma grande collaboradora da industria, *ipso facto*, do patronato, iria, dahi em deante, operar uma dupla revolução no mundo sob o ponto de vista economico e social, pois que, barateando ella a mão de obra, multiplicando a producção, aperfeiçoando e *standardizando* os productos levados ao consumo, incentivando o progresso e apressando a civilização hodierna — no fundo, ao invez de se transformar na escrava do homem, tornou-se, paradoxalmente este seu escravo — levado á ganancia de muito produzir para depressa se enriquecer, ganancia que não soube controlar até que o limite das possibilidades acquisitivas por parte das massas populares foi ultrapassado.

Esboçou-se consequentemente, e sempre aggravado, o phenomeno da super-producção industrial, as crises economicas, os *dumpimgs,* as guerras aduaneiras, os conflictos, as crises sociaes, as revoluções...

Dahi ainda a aggravação da luta do Trabalho contra o Capital e, correlatamente, a arregimentação das classes, cujos interesses se chocavam em face do problema da producção.

Foi, pois, á sombra da machina que germinou a primeira idéa de arregimentação do operariado.

Nascia assim, ao pé della, a organização de classes; nascia assim o syndicato operario que, no meio da tempestade de interesses a se entrechocarem constantemente, apparecia, apenas, como orgão de defeza dos direitos sociaes dos seus associados.

E, rompendo obstaculos, transpondo preconceitos, o syndicalismo veiu se firmando e evoluindo sempre, até conseguir personalidade civil e juridica por volta de 1884, primeiramente na França com a celebre lei de syndicalização das classes operaria e patronal, lei de autoria do ministro da fazenda daquelle paiz, em 21 de março daquelle anno e conhecida como lei Waldeck Rousseau.

Era o primeiro passo dado, era a primeira victoria ganha ao direito e á lei que, até ahi, não quizeram incluir nos seus textos, vazados em puro individualismo, o homem como expressão collectiva.

Até então, o operario defrontara o patrão; ou por outra, o trabalho ante o capital eram factores que não se integravam no sentido de, superiormente conjugados, resultar disto um meio termo equitativo de vantagens reciprocas.

O operario isolado, diante de quem o tomava a seu serviço, tinha que se submetter ás exigencias, as mais iniquas, do patrão com sacrificio de sua saude physica e moral, do sustento e da educação proprias e de sua prole.

Na hora, porém, que se uniu a outros, de mãos dadas, esposando as mesmas idéas e se defendendo mutuamente, a equação social mudou de termo: operou-se um equilibrio de forças entre o capital, até então, poderoso e intangivel e o trabalho que, já agora, se manifestava, não mais pelo valor isolado de cada obreiro, mas pela totalidade de cada classe profissional devidamente arregimentada.

Posteriormente já em 1901, o direito de syndicalização das classes, avançando progressivamente, por entre todos os obices e difficuldades que lhe barravam a marcha victoriosa futuro a dentro, ao depois se apresenta ampliado, abrangendo a classe agricola, a industrial, a commercial, as liberaes e o proprio funccionalismo publico.

Continuando a forçar as portas do futuro, o syndicalismo se orienta no sentido de obter faculdade de commerciar ao que se oppuzeram os legisladores francezes e de outros paizes.

Não obstante uma lei recente, em França, lhes permittiu a fabricação e venda de productos concernentes a cada profissão.

Partindo, assim, de etapa em etapa, de tropeço em tropeço, de luta em luta onde, muitas vezes, tombaram vidas preciosas, sacrificadas ao ideal commum — o syndicalismo que mal apparecia, receioso e timido em 1830, sendo encarado como um movimento filho do anarquismo pelos intellectuaes e, como tal, criminosos os seus professores, já, em nossos dias, se apresenta elle, em pleno seculo XX, tentando subverter a ordem social vigente com a imposição legal dos seus preceitos e dos seus principios.

Presenciamos, de facto, nestes ultimos annos, uma verdadeira transmutação de valores sociaes.

Já não se pode mais occultar a fallencia da democracia, vazada no *liberalismo* e apoiada no suffragio universal, á custa do qual se forjaram, em nome de uma pretensa soberania popular inexistente de ha muito, os maiores crimes e os maiores attentados contra a liberdade dos povos, á vida das nações.

Haja vista a criação dos Conselhos Economicos europeus, verdadeiras camaras technicas, formadas por representantes de cada syndicato profissional ou suas federações, influenciando, norteando, orientando as administrações publicas e ameaçando mesmo, de absorpção, as Camaras Politicas, que, ao seu lado, exercem as funcções de legislar quasi que inspiradas pelos dictames dos referidos conselhos.

Haja vista os tribunaes de arbitragem para resolverem as pendencias surgidas de syndicatos para syndicatos e de operarios com patrões quanto ao fiel cumprimento dos contractos collectivos de trabalho e dos individuaes.

Haja vista, ainda, as assembléas politicas italianas organizadas por meio da syndicalização de todas as classes: conselhos municipaes, assembléas provinciaes e assembléa nacional.

Mas, retornando á questão de se saber se os syndicatos podem ou não commerciar, nota-se que a tendencia contemporanea é de lhes outorgar esta qualidade, não obstante sob uma nova modalidade que seria encontrada no cooperativismo intelligentemente conjugado com o syndicalismo.

E' esta tendencia que se mostra, de certo tempo a esta parte, nos Estados Unidos, na Inglaterra, na França, na Australia.

A proposito diz J. J. Soares, na sua obra já por nós citada ás pgs. 17 e 18: "*Para contornar,* expressa-se o autor, *as difficuldades, criaram-se mais tarde, ao lado dos syndicatos, as sociedades cooperativas, a elles estrei-*

tamente unidas, apezar de terem existencia propria, com separação de caixas e responsabilidades."

Emanação dos syndicatos, organizadas por estes, vem, todavia, em seu seio, operar a lei economica da divisão do trabalho.

Aos syndicatos, pertencem as obras puramente profissionaes, como sejam: propagar os bons methodos de cultura, organizar o ensino agricola, o credito, a assistencia; as cooperativas, cuja esphera de acção é mais vasta, incumbe o exercicio material da profissão, approximando o productor do consumidor, correndo em demanda de mercados para facil escoamento dos seus productos e, finalmente, amparando, na grande concurrencia mercantil, os interesses que lhes forem confiados". E' isto pelo menos o que estabelece a lei Miguel Calmon, n. 1637 de 5 de janeiro de 1907, dando poder a todas as classes de se syndicalizarem ou a recente, do Sr. Lindolpho Collor, n. 19.970, de 19 de março de 1931.

Mas não estacionaram apenas no direito de associação as conquistas socialistas em face da legislação dos povos.

Dellas decorreram o direito de greve, a vigencia dos contractos collectivos do trabalho e dos individuos com suas tarifas de hora de serviço, salarios minimos, regulamentação do trabalho dos menores e das mulheres, etc.

De um delicto operario, que eram a greve e a *sabotage*, criou-se um novo direito que passou a se enquadrar dentro da legislação social moderna como uma das mais retumbantes victorias da corrente syndicalista.

Não só isto, porêm, se continha na essencia ideologica da nova corrente.

Já Paul Boncour, em sua obra o "Federalismo Economico", previa que o syndicato profissional continha em seu bojo *"o germen de um agrupamento destinado a revestir* (como de facto já hoje acontece na Allemanha e na Italia) *os mesmos atributos que os agrupamentos politicos, e desde logo o poder de legislar ou de regulamentar a ordem economica."*

E Charles Gide, grande economista francez, em visão mais larga, prophetizava o advento do fascismo algum tempo depois de Boncour com esta phrase: *"Os syndicatos tendem a revestir inteira personalidade politica, além da civil e juridica que já possuem."*

Dest'arte e logicamente, — do dynamismo com que se manifestou ao nascer e sempre com a mesma intensidade de acção — ao longo do seculo passado, o syndicalismo seria levado aos contractos collectivos e individuaes de trabalho a ponto de, na Inglaterra, França, Estados Unidos, Allemanha, Italia, Australia, etc. — serem elles os reguladores de todo o trabalho industrial.

Encarados esses contractos quer no regimen syndicalista internacionalista, quer no nacionalista italiano — apresentam-se elles com differenciações bem caracterizadas.

E' que na Allemanha e em todos os outros paizes que os adoptam, como bem o observa Durkheim — nem tudo é contractual, commentando ainda o jurista francez Jean Cruet: *"No contracto collectivo de trabalho celebrado pelos syndicatos francezes, inglezes, americanos ou allemães não ha quasi nada de contractual porque os syndicatos que nada têm, em direito, não se obrigam a cousa alguma"* e ainda: *"Nestas condições o contracto colle-*

ctivo é uma lei imposta de maneira unilateral pelo syndicato á profissão, isto é, todos os direitos sem nenhuma responsabilidade, numa palavra, entrar para uma associação nem é simplesmente adherir a uma disciplina; é tornar-se uma cellula do organismo commum."

Ora, agindo, assim, elles, em uma orbita de quasi absoluta liberdade, são verdadeiras cellulas enquistadas no proprio organismo da nação que, ao envez de collaborarem com ella na solução dos seus mais importantes problemas, criam, ao contrario, ás vezes, verdadeiras situações embaraçosas aos poderes constituidos lançando mão do direito de greve que, nem sempre, fica na abstenção do trabalho, mas a impondo aos seus syndicatos e ampliando-a a todos os operarios de uma cidade e mesmo regiões.

Da greve, vezes ha, passam as desordens nas ruas, a *sabotage* e a *boycotage,* perturbando, quasi sempre, a propria vida da nação.

Em represalia organizam as classes patronaes sua legitima defeza e surge, então, aguda, a luta das classes.

Transformam-se desta maneira, ás vezes, em arbitros da vida dos proprios Estados, tornando-se verdadeiros Estados dentro do proprio Estado, dispondo a seu bel-prazer, durante horas, dias e semanas — dos serviços publicos principalmente vias de communicação, telephonicas, luz etc.

Este o syndicalismo internacional por causa do qual, e cada vez mais, e com maior intensidade, aggrava-se a eterna luta entre o Capital e o Trabalho.

No regimen nacionalista italiano, entretanto, já se apresenta elle completamente diverso.

No regimen fascista, as relações do trabalho com o capital são superiormente conjugados por meio das organizações syndicaes que, pelos seus orgãos directores estabelecem contractos collectivos e individuaes de trabalho previstos nos codigos, em que estão estabelecidas penalidades sevéras ás partes que infringirem os textos dos contractos.

Essas penas são reguladas e applicadas pelos tribunaes do trabalho e não resolvidas pelos de arbitragem como nos outros paizes.

Aqui (fascismo) ha uma estricta limitação de responsabilidades, sendo terminantemente interdictado o direito de greve e *lock-out;* alli (no internacionalista), rompido um contracto estala a greve, intervêm os tribunaes de arbitragem que, nem sempre, conseguem conciliatoriamente resolver o conflicto perdurando estes por prazos indeterminados e, dahi ás vezes, a perturbação da ordem publica, ameaçada por patrões e operarios nestes momentos em que, rosto a rosto, sahidos temporariamente do estado em que sempre se encontram de guerra surda, se enfrentam como inimigos irreconciliaveis.

Na Italia, pois, o problema foi resolvido procurando-se harmonizar-se as classes tento operarias, como patronaes e todas as outras cujos interesses se possam chocar de um momento para outro.

O syndicalismo, no entanto, avançando mais ainda, conseguiu, em etapa final, a socialização de todos os meios de producção em o maior paiz da Europa que é a Russia.

Vem a pello, aqui uma observação elucidativa de um erro de termologia applicado ao regimen sovietico russo. E' o se confundir correntemente *communismo* com *boschevismo*.

O communismo implica a socialização integral de toda a propriedade particular quando o bolchevismo, em vigencia na Russia, é essencialmente *collectivista*, isto é, apropriou o Estado de todos os meios de producção respeitando, no entanto, a propriedade rural — excepção das latifundiarias.

E' pois o bolchevismo ou maximalismo (do adjectivo russo *bolche*-maximo contrario de menchevismo-minimalismo do adjectivo *menche*-minimo) como ideologia revolucionaria puro collectivismo, uma das grandes sub-divisões do socialismo.

E, como tal, surgiu elle praticado por Lenine, como veremos em outra parte deste livro, desfraldando a bandeira vermelha em cujas dobras, seductoramente, se escreviam as palavras "Paz e Terra" — paz com a cessação immediata das hostilidades aos imperios centraes e terra com a distribuição de lotes aos camponezes, depois de confiscadas das mãos dos senhores autocratas russos as grandes propriedades.

E, tanto assim foi, que lá estão — os *sjeredniaki* (pequenos agricultores), ao lado dos *kulaki* (medio burguezes) nova casta de camponezes ricos que vem se formando pelos vastos campos russos.

Todavia, força é reconhecer que o bolchevismo iniciando-se collectivamente tende, nos ultimos annos, ao communismo terminando pela socialização ampla dos campos de producção agricola, o que se exteriorisa nos innumeros testemunhos colhidos *in-loco* e, entre os quaes, poderemos, como documentação, citar aqui o de Etienne

Antonelli que nos relata em seu trabalho "La Russie Bolcheviste" que "*as terras são occupadas por ordem dos soviets* (conselhos municipaes).

E essas como que commissões governativas devem fazer emigrar os que a seu juizo são demais nos lugares".

De modo que, si considerarmos os propositos com que appareceu o syndicalismo no seculo passado, isto é, os principios basicos que synthetisaram o seu programma de reivindicações e que eram:

1.º — Organizar a classe dos trabalhadores de maneira que ameaçando o patrão com a *greve*, a *sabotage* e outros processos — lhe imporiam tarifas de salarios minimos, horas de trabalho, etc.;

2.º — Disciplinar, orientar e controlar as classes por meio dos syndicatos de modo que, em todas as relações do trabalho com o capital, não apparecesse o operario como méra expressão individual e sim collectiva;

3.º — Amparar com "caixas sociaes" os seus associados cahidos em miseria ou penuria, defendel-os em qualquer emergencia, ante o patrão ou o Estado;

4.º — Finalmente apropriar-se de todos os meios de producção que passariam a ser exercidos pelos proprios trabalhadores e não pelo elemento "capital", representado pelos patrões — concluiremos que o syndicalismo galgou já, como realização dos seus propositos, a ultima etapa, integrando-se na corrente revolucionaria do collectivismo hoje em pratica na Russia Sovietica.

Ao traçarmos, assim, rapidamente, as origens, o caminho percorrido, as tendencias e os fins visados pelo syndicalismo — cumpre-nos aqui frisar, pois, que os seus adeptos, vindo empunhando a mesma bandeira de reivindicações sociaes até 1914, passado o eclypse formidavel da grande guerra, emergiram, todavia, em 1918, bifurcados em duas sub-divisões que, dahi em diante, se distanciariam sempre, cada vez mais, uma da outra e haveriam de, em nossos dias, chamar a attenção dos povos ameaçados por ellas de uma verdadeira transmutação do Estado constitucional liberal-democrata.

Essa bifurcação realizou-se com o advento do fascismo que, evoluindo para a direita, deixou de ser um movimento collectivista ou internacionalista para se tornar em nacionalista — integrando-se, portanto, no Estado limitado, tão sómente, pelas suas proprias fronteiras territoriaes.

A caracterização, porêm, desses dois grupos ficará patenteada quando tratarmos do Fascismo em capitulo seguinte deste trabalho e ao correr de cujo estudo positivar-se-ão os limites traçados pelos dois movimentos dentro da sua grande projecção no Estado Corporativo moderno — limites estes que se poderão, da maneira seguinte, resumir:

No regimen fascista:

a) — Collaboração intelligentemente conjugada do Capital com o Trabalho;
b) — Respeito á propriedade privada;
c) — Acatamento de toda iniciativa particular, sempre prestigiada pelo poder publico quando considerada de utilidade collectiva;
d) — Defeza e acatamento integral da idéa de Familia, Patria e Deus;

e) — Os tres poderes executivo, judiciario e legislativo, constituidos separadamente, harmonicos e independentes entre si; sendo o de representação politica promanado dos syndicatos profissionaes ou suas Federações e confederações e exercido pelos conselhos de administração syndical pelo conselho nacional das corporações, pelos conselhos municipaes, pela camara corporativa nacional, pelo senado nacional e pelo grande concelho fascista. Os apparelhos administrativos como *Consulte municipale* (Camara Municipal) são organizados por conselheiros indicados pelos syndicatos profissionaes com o *placet* do Ministerio do Interior na proporção de 10 a 24 membros nas communas de menos de 100.000 habitantes e de 10 a 40 membrors, nas que tiverem população superior a 100.000 habitantes. O *podestá* (prefeito), porém, é nomeado pelo rei. A representação politica faz-se de accordo com a maneira descripta no capitulo — 8.º — (*Roma* ou *Moscou*) — deste trabalho;

f) — Regularização das relações do operario com o patrão por meio dos contractos collectivos e individuaes e, em ultima entrancia, quando em litigios, pelos tribunaes do trabalho;

g) — Espirito nacionalista e apego e fortalecimento ao tradicionalismo, defendidos intransigentemente pelo Partido Fascista e sua milicia nacional, officializada pelo Estado.

No regimem bolchevista:

a) — Poderes constituidos pelas massas trabalhistas, tendo como expoentes de sua representação os Soviets (conselhos communaes), Commissariados do Povo, (governo central), em o qual se fundiram os dois poderes judiciario e executivo, Concelho Nacional dos Soviets, (camara corporativa ou legislativa), cuja assembléa politica denomina-se Pan-Russo. Estes apparelhos, tanto politicos como administrativos, organizam-se da seguinte maneira: as communas, divididas em zona urbana e rural elegem o seu *soviet* formado de numero igual de representantes operarios e camponezes. Essa camara assim constituida, de accordo com certa percentagem relativa ao seu *quorum*, escolhe os deputados camponezes e operarios em seu seio para a Camara Nacional (Pan-Russo) que por sua vez dentre seus membros elege 18 commissarios do povo que reunidos constituem o *Soviet* Nacional (Executivo Geral) presidido por aquelle que fôr eleito entre os dezoito. Os demais membros occupam as differentes secretarias do governo central — sendo que ao lado de cada commissario funcciona tambem uma especie de Conselho Consultivo formado cada qual por 20 membros tambem sahidos do seio do Pan-Russo;

b) — Confiscação de toda a propriedade privada;

c) — Prohibição de se explorar privativamente toda e qualquer iniciativa que é da competencia do Estado;

d) — A idéa de Deus, Patria e Familia abolida officialmente;

e) — Socialização de todos os meios de producção industrial e commercial — com tendencia á ser estendida aos de producção agricola;

f) — Officialização do partido bolchevista cujo orgão central, a Terceira Internacional (1), é o centro de irradiação de toda a doutrina para os outros paizes procurando *sovietisar* as nações de constituição burgueza ou chamadas "capitalistas" que passariam a pertencer á União das Republicas Socialistas dos Soviets — fim collimado pela doutrina maximalista. Para sua consecução combate ella toda e qualquer religião, seita ou dogma pretendendo, de futuro, impôr uma só lingua a todos os habitantes da terra por serem o espirito religioso e o apego á linguagem, por parte de cada povo, as maiores barreiras que se levantam ao novo credo vazado todo elle em puro *materialismo historico.*

---

(1) — A primeira assembléa de trabalhadores que se reuniu em Genebra, dirigida por Karl Marx, seu discipulo Engels e Bakounine, compareceram representantes de todas as associações proletarias do globo e por ella foram discutidos e approvados estatutos em que se continham as primeiras reivindicações das classes obreiras. Foi isto em 1866. Recebeu essa assembléa o nome de Primeira Internacional — desapparecendo pouco depois, em 1870, com a guerra franco-prussiana, a sociedade então organizada. A segunda foi fundada em agosto de 1904, em Amsterdam, em um congresso tambem de trabalhadores de quasi todos os paizes civilizados, existindo até hoje com um programma moderado e a terceira em Moscou, logo após a implantação, na Russia, do regimen bolchevista.

A ILHA DA UTOPIA

A ILHA DA UTOPIA

Vejamos, agora, como se apresentam e quaes os resultados da applicação pratica da doutrina bolchevista na Russia actual.

Melhor do que nós dirão os innumeros testemunhos de escriptores e jornalistas que *in-loco* foram conhecer a "Ilha da Utopia", o oasis verde de esperança que ás massas trabalhadoras é acenado pela Terceira Internacional e os seus homens, porêm, que ao ser alcançado por aquelles que o visitam se desfigura, transformando-se na triste realidade de uma escravidão jamais presenciada em época alguma da historia.

Encaremos parcelladamente os diversos ramos da actividade sovietica na industria, no commercio e na agricultura e, por fim, como defrontou o bolchevismo a Igreja e a Religião.

Politica economica. — Podemos dividir em tres periodos a applicação da politica economica dos *soviets* n'aquelle paiz e que são: 1.° — de 1917 a 1921. Neste nada conseguiram os bolchevistas entregues á guerra civil; o 2.° — se estende de 1921 a 1928 e nelle, mudando de rumo, os soviets, menosprezando os methodos antigos, autorizaram o commercio livre.

Lenine apresentou esta politica como um arranjo temporario que permittira á economia russa resistir até poder supportar os principios integraes do collectivismo. E por fim o 3.º — que é chamado o *plano quinquenal* ou programma da industrialização intensiva da Russia.

Com este programma pretende-se collocar a nação, ao cabo de cinco annos, em condições economicas que lhe assegurem o dominio dos mercados mundiaes.

Este plano, que começou em 1928, se estenderá até 1933 e vae sendo executado á custa dos maiores sacrificios reclamados do povo, procurando elevar-se a Russia, concluido elle, ao pé de fazer concurrencia com seus productos, provocando verdadeiros *dumpings* nos mercados externos, pelas seguintes razões: a Russia venderá todo a preços ruinosos, sua producção, como o seu commercio, estão entregues a organismos officiaes e a mão de obra está no regimen dos trabalhos forçados ou semi-forçados. Trabalho forçado para os condemnados politicos, trabalho semi-forçado para as massas operarias.

Não estando o Estado Sovietico adstricto a remunerar normalmente senão aos technicos estrangeiros, a noção do custo para elle não existe, e assim pode dispor de suas mercadorias a preços que, para qualquer outro productor, seriam um certo prejuizo. (Impressões de Firmin Baconnier, na "Revue Universelle", de 15-2-931).

Com que intenção, porêm, provoca, o regimen bolchevista este desiquilibrio economico nos outros paizes? Simplesmente para aggravar a luta das classes.

Expulsando e afastando dos mercados concurrentes que não lhes poderão antepôr preços melhores, isto é, menores — assenhoream-se os *soviets* dos mercados externos — provocando em uns e aggravando em outros o problema do *chômage* e com isto fechando fabricas, uzinas etc. e, deste modo, atirando na rua milhares de operarios, possiveis adeptos do crédo vermelho ao depois...

Todavia nos diz E. Antonelli, em seu livro "Les Deuxs Russies": "a crise bolchevista desferiu o golpe final na grande industria russa. Os technicos estrangeiros se retiram de todos os postos de direcção nas uzinas. Os machinismos desmantelados, desfalcados de peças que os operarios vendem a retalho, fazem-se inuteis. Subvertem-se assim todos os factores da prosperidade industrial do paiz. Sem apparelhagem, sem pessoal a industria russa está condemnada a inanição".

E a regulamentação maximalista para a industria!

Cada conselho operario fiscaliza uma empresa e intervem em todas as relações entre operarios e administradores. A este concelho é que cabe fixar o *quantum* de materia prima e de producção, estabelecer os machinismos e apparelhos em geral, o numero de operarios em cada funcção e determinar o preço de venda de cada mercadoria. (E Antonelli — obra citada).

O Plano quinquenal, porêm, estende-se tambem á agricultura. Romier, tratando desta parte acha que está reservado aos *soviets* maior exito na agricultura do que em qualquer outro ramo industrial, isto porque, escreve elle, "trata-se de um cyclo economico ao mesmo tempo mais simples e muito mais poderoso.

"A Russia tem por si o espaço e, na especie, o espaço não tem só um valor geographico, mas um valor de exploração por isto que os *soviets* são senhores de todos os territorios.

"Por conseguinte, os *soviets* podem delimitar, fixar, se posso dizer, regular o campo de exploração como lhes parecer.

"De outro lado, para uma grande exploração agricola basta ter sabios competentes á testa de laboratorios de pesquizas bem apparelhados; basta, qualquer que seja a extensão da exploração, um numero muito restricto de engenheiros e de technicos; basta tractores e machinas simples de reparar.

"Sabe-se que os russos importaram de dois annos para cá mais de 20.000 tractores. E quanto á mão de obra, que é o problema fundamental em que esbarram todas as agriculturas dos outros paizes, este problema resolve-se da maneira mais simples pelo trabalho semi-forçado".

Com os resultados já obtidos com o plano quinqnenal, vae a republica sovietica tentando subverter a ordem economica nos paizes chamados capitalistas, com uma formidavel offensiva de preços baixos nos seus differentes mercados.

Isto feito com methodo e bastante censo de opportunidade.

Assim é que, em França, offerece ella a preços, sem concurrencia quasi, cereaes, madeira e linho; na Austria petroleo, linho e carvão; na Polonia madeiras tecidos, collas de osso, benzina e borracha; na Rumania cereaes, petroleo e madeiras; na Suecia centeio e aveia e nos Estados Unidos trigo, madeira e manganez.

Consideremos, tambem aqui, a maneira por que os soviets enquadraram no seu regimen este outro apparelho de economia interna — a grande rêde cooperativista russa, logo implantado naquelle paiz o maximalismo.

As estatisticas officiaes revelam que, em 1918, existiam na Russia 51.000 cooperativas de consumo com cerca de 10 milhões de socios.

Dellas se serviram os soviets, como unica maneira achada, para entreter, naquelle anno e seguintes, relações commerciaes estrangeiras, por intermedio das federações dos outros paizes.

Todo o systema, então, coroava-se no orgão central que é o *Centrosoyus* com um escriptorio permanente

Encontrando-se o Estado Sovietico com essas organizações que se vultuavam entre as mais importantes do globo, pois que o cooperativismo na Russia, praticado principalmente sob a forma de producção e credito, expandira-se grandemente pelo vasto imperio moscovita — Lenine officializou-as, transformando todas as cooperativas em verdadeiras agencias do governo.

Para se ter idéa do que são hoje aquelles institutos que floresciam antes no regimen de livre organização, vamos dar a palavra a um escriptor bolchevista, Panait Istrait, que assim a elles se refere em seu livro "Soviets 1929" — Cap. V:

"Os armazens das cooperativas estão sempre repletos.

"Amontoam-se os freguezes, á espera, fazendo cauda e esperando a vez, deante dos balcões, deante do escriptorio, deante da secção de embrulhos. Segundo os jornaes de Moscou, esse inconveniente provem da falta de pessoal.

“Devia haver um empregado para servir 2.000 freguezes e a proporção é de um empregado para 5.000.

“A “Pravda” (“A Verdade”), orgão official do bolchevismo, calcula que os membros da cooperativa “Kommunai” perdem, diariamente, 11.000 horas esperando, as quaes, empregadas a trabalhar, produziriam 4.000 rublos de salario medio”.

“A pressão administrativa e fiscal representa na eliminação do pequeno capitalista um papel maior do que a concurrencia normal. O pequeno capitalista não desapparece; elle se esconde, e passa á especulação. Aquelles que restam, menos numerosos, não fazem senão melhores negocios, pois que o consumidor, mal servido pela cooperativa, não pode passar sem elles.

“Os tecidos, por exemplo, cuja falta é constante, são muitas vezes comprados nas cooperativas, com o dinheiro dos commerciantes, pelo cooperativista sem trabalho, o qual pode fazer cauda á porta do armazem. O operario que tem o que fazer e não pode esperar, vae então comprar esse mesmo tecido na mão do commerciante pelo dobro, unicamente porque não pode perder um dia á porta de uma cooperativa, para comprar ás vezes uma ninharia, de que tem necessidade.

‘Accresce que, nesses armazens cooperativistas, os roubos são constantes, e não se conta o numero de desfalques registrados. E tudo isso quem paga é o operario, o qual prefere cada vez mais voltar ao regimen antigo, recebendo o seu salario e indo comprar aquillo que quer no logar que lhe convenha, a ficar escravizado a uma burocracia grosseira, que o serve mal, roubando-lhe a paciencia, o tempo e, indirectamente, o dinheiro".

Como methodos de desorganização economica, não ha negar, em materia de cooperação, os soviets bateram, decididamente, o *record*...

Ante a Igreja e a Religião: — Contra a religião procurando implantar o materialismo em todos os espiritos, melhor do que qualquer fonte, aqui está a relação completa de todas as associações e instituições atheistas encarregadas de, directamente ou indirectamente, combater o sentimento religioso e a Igreja, extrahida do "Annuario Official de 1930, dos Soviets":

"A' frente dessas organizações atheistas está a organização central dos membros activos da "associação de atheistas", que conta com 800.000 membros.

"Esta organização central é subdividida em diversas repartições, entre outras, uma repartição para os não-illustrados nacionaes, e outra para solução dos problemas scientificos.

"Segue depois uma organização particular para o governo de Moscovia, com diversas subdivisões: — para os não-illustrados nacionaes, para estudo de costumes religiosos, e para os soldados do exercito vermelho.

"O orgão principal desta organização é a revista que tem seis edições por mez, com uma tiragem de 170.000 exemplares. E mais: de quinze em quinze dias apparece a folha: "O panorama dos atheistas" com uma tiragem de 80.000 exemplares. Além disso a "Kransnaja

Gazeta" offerece leitura anti-religiosa e toda especie de livros marxistas no terreno das sciencias naturaes.

"Em segundo lugar está a associação: "O atheista", que possue propria livraria e proprias officinas em que se edita o jornal "O atheista" (4.000 exemplares) e a folha illustrada "O homem anti-religioso" (22.000 exemplares).

"Esta associação está incumbida de inundar a população com leituras anti-religiosas e a guerrear a religião de um modo mais ideologico, em união com os membros activos da associação dos atheistas.

Moscovia ainda aponta as seguintes instituições culturaes anti-religiosas:

1.º — A universidade anti-religiosa para o districto dos proletarios.

2.º — A exposição anti-religiosa dos "Raden-syndicatos" com suas subdivisões: a origem e a evolução do homem; antigas religiões e sua origem; a religião dos antigos egypcios, assyrios e babylonios; as religiões da Grecia e da Antiga Roma; a religião christã chamada uma mistura de antigos conceitos religiosos; a religião como base do regimen dos Czars; a religião como freio para a reconstrucção social; festas religiosas e abuso geral de bebidas alcoolicas.

3.º — O Museu central anti-religioso (que está installado no antigo Strastnoi-convento) com suas subdivisões, entre outras a do material historico sobre religião; a de documentos da acção anti-revolucionaria da Igreja;

a de dados diversos sobre a historia e a situação actual do movimento anti-religioso.

4.º — O Museu da União Central dos membros activos da associação de atheistas.

5.º — O theatro movediço "O atheista". Todos estes museus e theatros anti-religiosos são accessiveis, gratis, aos operarios, lavradores, soldados do exercito vermelho e membros de algumas organizações de jovens operarios."

Desta maneira vae o Estado Sovietico, depois da posse á mão armada de todas as repartições publicas, depois de se assenhorear de quasi toda a propriedade privada, depois de expulso Deus dos altares e das escolas — tentar agora, como golpe final, a materialização dos espiritos.

Para isto se arregimenta e investe contra os principios em que se assenta a Moral, pregando o *agnosticismo,* implantando por todos os meios ao seu alcance, pelo Terror ou pela Persuasão, — o espirito antireligioso em guerra aberta e franca ao *theismo* para depois, logo possivel, pregar e aconselhar a uniformização da lingua — por serem a fé, professada pelos diversos cultos, e as differentes linguas dos povos, os dois maiores obstaculos que se levantam por toda a parte ás suas investidas perigosas.

Mas hão de se chocar sempre, pelos seculos em fóra, os ataques desta philosophia leiga contra a grande muralha que se ergue ao longo dos tempos — sempre que a humanidade se debate em crises sociaes e que é o prestigio da Fé; pois que, como já affirmou alguem, si um dia, um cataclysma jamais visto, desabasse sobre o universo — reduzindo a nossa civilização a um montão de ruinas, do tumulto das cousas, da confusão de toda a materia, da massa cahotica que restasse, si nella pulsasse ainda um coração humano, levantar-se-ia uma voz a gritar, resoando pelos espaços alêm, perdida na amplidão: Deus! Deus! invocado no momento como a synthese perfeita do Verbo — onde tudo começa e onde tudo acaba.

*
* *

O mysticismo, uma das caracteristicas mais fortes da alma russa, traz arraigado no espirito de todas as camadas populares o sentimento religioso.

Este sentimento que por varias fórmas se tem manifestado atravéz toda a historia slava até a crendice, vazada em verdadeiro phenomeno historico, e que empolgou a côrte de Nocolau II, pouco antes da queda de seu throno, e a ella levada pelo *staretz* Rasputine que se fez o dominador da vontade da imperatriz Alexandra Feodorowna, auxiliado, na sinistra empreitada de se fazer o conselheiro, como de facto o foi, de todos os actos do Estado, pela sua amante Anna Vyrobova — não poude ser varrido dos corações dos habitantes daquelle paiz, por mais que fosse o Terror desencadeado entre os crentes pelo regimen sovietico.

Arrancou-se violentamente Deus das escolas, dos lares, das igrejas.

Varreram-se por toda a parte os sentimentos de amizade, de affeição e de amor que arcabouçam a constituição nobre da familia, despovoaram-se os altares, sendo as suas imagens trazidas em profanação para as praças publicas e ahi queimadas, transformaram-se os templos e os conventos em hospitaes e armazens officiaes — mas não poude o agnosticismo reinante, por mais feroz e por mais deshumano que fosse, arrancar do coração do povo a Fé — que continua a repellir a materialização da raça slava n'aquelle paiz a ponto de, em pleno seculo XX, como affirma Charles Rivet, em seu livro "Le Ciel Russe", repetirem-se as mesmas scenas do christianismo ao nascer em Roma, — reunindo-se os crentes dentro das catacumbas e logares ignorados até onde não chega o faro policial da *Tcheka.*

Dois são, porêm, os processos usados pelo bolchevismo para implantação de sua doutrina. Um, o puramente revolucionario — aquelle que explodiu na Russia, em novembro de 1917, empolgando o poder — é o que se aproveitando dos abalos sociaes por que, ás vezes, passam certos povos, assalta á mão armada as posições officiaes e nellas se installam, transformados a geito, os diversos apparelhos administrativos dos *Soviets.* O outro, mil vezes peor, terrivelmente mais perigoso, visto como é sorrateiro e maneiroso, é mentiroso e sem entranhas, é entorpecente administrado aos poucos, lentamente, até que empolga por inteiro as consciencias. E' o theorico; é o pregado pelos escriptores marxistas.

E' o que se infiltra com pés de lã nas mais nobres instituições, aquelle que transpõe os umbraes dos lares, mais bem organizados, atravéz de uma litteratura adrde preparada, mascarada em romances e novellas pelos idéologos do novo credo, aconselhando o desrespeito dos filhos aos paes e vice-versa, erigindo em uma instituição a delação, a trahição, o adulterio, o incesto, o amôr ao prazer e ao luxo.

E' ainda aquelle que se aboleta nas cathedras officiaes dos estabelecimentos de ensino primario, secundario e superior — pregando o agnosticismo, antepondo ás forças moraes as materiaes — procurando materializar o espirito das gerações moças que lhe vêm desprevenidas ás mãos. A nova pedagogia sovietica criou na Russia, conforme nos conta F. Ossendowski em seu livro *Lenin*, pag. 415, a organização da Juventude Communista Rural ou em russo *"Komsomol"* cujos fins são: os seus membros devem ser completamente independentes dos paes, terem os mesmos direitos que os adultos, denunciarem ás autoridades os actos dos seus mestres, de seus paes e de cada povoação contrarios ao regimen etc.

Sovietizado o espirito, facil é a attração das massas populares ao novo crédo e correlatamente dos seus paizes á União das Republicas Socialistas dos Soviets com capital em Moscou.

Regimen de todos, patria sem fronteiras, — o alcance ideologico da doutrina maximalista vae até ao extremo de sonhar com a queda de todos os regimens "capitalistas", — realizando-se, então, a socialização integral do nosso planeta que passará a ser chamado "Terra Vermelha".

A proposito vamos transladar para aqui, e como epilogo destas considerações, o final de um dos mais interessantes livros de Charles Rivet, "Le Triomphe de

Lenine", em o qual o autor francez, phantasia para o anno 2227 da nossa éra e o 310 da "leninista", o exterminio da humanidade.

Pensando o globo, naquelle anno, completamente sovietizado com a derrocada de todas as democracias actuaes e implantada em seu logar a união das "Republicas Socialistas da Terra Vermelha", cuidavam já os seus super-dirigentes em levar a doutrina aos outros planetas habitados, porêm, ainda, em regimen "capitalista".

Triumphante em toda a linha a doutrina maximalista irradiada pela Terceira Internacional de Lucifer (Moscou), capital sovietica da Terra Vermelha — eis sinão quando annuncia-se a vinda a este planeta de uma delegação de Saturno com o fito de, *de visu,* estudar ella a sua *ultra-civilização.*

Estagio demorado da delegação. Visitas aos principaes centros industriaes do mundo communista, viagens interessantes em aeronaves ligeiras aos seus principaes recantos, exame cuidadoso da lingua, dos museus, das escolas profissionaes etc.

E, ao depois, terminados os grandes festejos, que assignalaram em Lucifer os ultimos momentos na Terra dos visitantes, a delegação partira, parecendo a todos, virtualmente convertida ao novo crédo — continuando cá em baixo, gosando as delicias do triumpho sobre os emissarios de Saturno, os bolchevistas terrestres.

Decorreram alguns dias.

"E ao depois, Lucifer, capital da Terra, — escreve Charles Rivet, epilogando o seu interessante livro, — presenciava um phenomeno jamais visto em seus céos

— raios desconhecidos penetrando horizontalmente se infiltravam na athmosphera. O calôr solar, com esta apparição, começou a declinar. A luz, por sua vez, diminuia de intensidade. O frio e a morte bruscamente se assenhorearam da patria dos homens e Phebos, tornando-se semelhante a "um fóco de luz longinquo, progressivamente se extinguia. E , então, no ar rarefeito, sob uma nuvem cinzenta, em um grande quadro abaixo do céo luciferiano — todos os habitantes, fóra de suas habitações e aterrorizados, leram as seguintes palavras:

"A TERRA ACABA DE SER RISCADA DO SEIO DO MUNDO, ASSIM DECIDIRAM OS PLANETAS."

"Seguiam-se os nomes de todos encabeçados por Saturno.

E acabou-se assim, duma só vez, o vil rebanho que se movia em sua superficie e em seu seio."

ROMA OU MOSCOU?

ROMA OU MOSCOU?

Gustavo Le Bon, em seu livro doutrinario “L'Evolution de la Matiére”, affirmou que as sociedades como as nações nascem, desenvolvem, aperfeiçoam e morrem.

Assim foi com a Grecia de Platão, como com a Italia de Cicero; assim aconteceu com a Idade Media, como com a Moderna e assim, tambem, será com a que vivemos.

Em abono desta these enunciada ha annos, já, pelo eminente scientista francez — veio Oswaldo Splengler, em 1919, numa previsão do que ia acontecer nestes onze annos de attribulações por que vem passando a humanidade, após o Tratado de Versalhes, — e com a clarividencia de sabio e philosopho, nos dizer que “assim como existe uma juventude e uma velhice para todo o individuo, assim tambem acontece com os povos e com as nações”.

A cultura é o avanço, a precipitação da collectividade humana para um ideal sonhado, uma successão de factos gloriosos, a ascensão aos pincaros de uma méta almejada; a civilização que a succede, — a embriaguez do conseguido, o delirio da posse, o esbanjamento do que foi armazenado atravéz de seculos em fóra a custo de sacrificios, de abnegações, de trabalho insano e de lutas terriveis.

A cultura torna-se, pois, para o philosopho allemão, um meio para a posse completa da civilização desejada.

Considerando assim, em 1919, quando ainda o mundo mal accordava do horrivel pesadelo que foi a Grande Guerra, o momento politico europeu de onze annos aqui atraz, — concluia que á margem da civilização contemporanea fôra posta toda a cultura dos povos occidentaes.

De facto, a época do sem-fio, dos aviões, dos navios velozes, da machina substituindo o braço humano, do *radium*, do *hellium*, dos submarinos, dos "gotha", do salitre extranho do ar e das mais arrojadas conquistas scientificas e industriaes — submergiu-se na hecatombe geral, surgindo, serenada ella, — uma mentalidade nova, ávida de prazeres, de luxo, do terra-a-terra de paixões e de ambições.

Era o esbanjamento da cultura á custa do furor civilizador do seculo que mal se iniciava.

Mas, do maremoto d'essas paixões, dessas ambições e d'esses odios — em que, ao sabôr das ondas de sentimentos varios, ia sahir uma nova Europa, — forjaram-se novas correntes de pensamento, agitando, ellas, novos crédos politicos oriundos de idéas que vinham sendo timidamente esboçadas até 1914.

Foi assim que, no Oriente, surgia Lenine com o seu intenacionalismo não conhecendo fronteiras e apoiado nas baionetas de Trostky, implantando na Russia, após a queda do throno e o afastamento forçado de Kerensky. o regimen bolchevista.

Mais uma vez se confirmava o postulado politico de que se sabe sempre quem empunha uma bandeira revolucionaria, mas nunca poder-se-á affirmar, com precisão, quem com ella chegará ao fim em o qual, nem sempre, em suas dobras reivindicadoras, vivem e palpitam ainda os mesmos principios da hora da partida.

Kerensky derrubara a autocracia dos Romanoff levado por idéas e principios republicanos liberal-democraticos, apoiado, no momento, pela maioria soffredora do povo russo; mal suppunha, porém, que sua republica cederia passagem, em pouco tempo, ás idéas radicaes que tremulavam, revolucionariamente demogogicas, na bandeira vermelha empunhada pelos pulsos fortes de Lenine e Trostky.

Foi assim, ainda, que os ventos soprados pelo regimen marxista da Russia dos *soviets,* começaram a transpor as fronteiras galgando os Karpathos orientaes e se derramando ameaçadores ao regimen capitalista do resto do velho mundo, mal acordado dos horrores da guerra e mal ferido pela sangria economica motivada por quatro longos annos de lutas.

E veiu o panico: Versalhes uma ignominia; Fiume uma interrogação; Wilson uma grande esperança.

Do entre-choque, porêm, de tantas ambições desencontradas, do embate de tantas paixões mal sopitadas e do arrepio nervoso que correu pela espinha mestra do edificio social europeu com as idéas pregadas pela Terceira Internacional, — no meio da confusão reinante, um homem, em cujas veias corria, caldeado, o mesmo sangue que escrevera toda a historia da latinidade, comprehendeu o perigo que se approximava celere e na Italia, berço donde irradiaram quasi todas as conquistas da Civilização Contemporanea, levantou-se agitando, na peninsula, um pedaço de fazenda negra, como negativa formal de todos os principios que, até então, vinham norteando o povo italiano.

Este homem foi Benito Mussolini; este pedaço de fazenda negra — a Camisa Preta — symbolo do fascismo, em cujo nacionalismo intransigente viriam se quebrar as ondas revoltas e violentas do maximalismo.

Dois polos oppostos de então até agora vêm tentando attrahir os povos da terra: Roma e Moscou.

* *
*

Roma com o Fascio limitou-se até ha pouco — a se defender da invasão dissolvente de outras doutrinas em sua grande riqueza historica, em suas tradições eternas, em seu grande patrimonio multisecular — contando tudo quanto de mais grandiosamente bello tem conseguido o pensamento humano.

Mas uma idéa bôa não tem patria; o espirito é universal, bem o disse o criador do fascismo e este, que não fôra ideado como "mercadoria de exportação", teve que escapar ao ambito estreito que lhe fôra dado ao nascer, para se espraiar, como grande onda reconstructora e defensiva, além das fronteiras.

D'ahi a universalidade, hoje, dos principios fascitas em conflicto permanente, pelos quatro cantos da terra, com os agitados pela Terceira Internacional.

Que é, porêm, o fascismo? Nada mais nada menos do que o respeito ás instituições fundamentaes como sejam: direito de propriedade, o de hereditariedade, o de salariado, o de familia, etc., assim como um regimen constitucional d'onde emana, regulada pelo direito e pela justiça, toda a ordem publica — tudo isto, no entanto, dentro d'um verdadeiro espirito christão, sem o qual, jamais, entre os homens, florescerá a Paz. Nada mais nada menos do que o exercicio de uma sã politica praticada em um vasto ambiente de cooperação-geral.

*

* *

O fascismo triumphou na Italia, após a celebre marcha dos *Camizas Pretas* sobre Roma em 1922 — aninhando na bandeira que desfraldara, um programma de reconstrucção nacional em todos os sentidos em que se desdobrava a vida italiana.

Eram idéas e principios concebidos e amadurecidos na possante cerebração do Duce, previamente meditados e concatenados, e não a avançada ao poder constituido sem fim collimado; era uma revolução abrangendo o multiforme aspecto social,, politico, economico e financeiro limitada por um grande e puro espirito nacionalista; era a transmutação de velhos processos de governar em novos, dictados pela experiencia dos factos que operavam a modificação total do momento politico europeu após a guerra.

Da Carta do Trabalho, publicada em 21 de abril de 1927, resalta toda a essencia do fascismo que se consubstancia em um novo ideal de syndicalismo.

O manifesto primitivo contendo todo o programma de reorganização geral italiana — proclamava ao ser lançado na Italia: *o syndicalismo nacional abrange de um modo geral a organização de todos os italianos em todas as profissões e de uma só vez em um conjuncto grandioso de educação politica, de capacidade productora, de consciencia e de disciplina nacional.*

E mais: *O Fascismo enfrenta, ao nascer, resolutamente, o problema do trabalho, tornando-se o iniciador e propulsor d'um syndicalismo com caracteristicas distinctas e differentes das do syndicalismo socialista.*

Ao contrario do syndicalismo socialista o fascista não tem programma de expropriação; reconhece a funcção historica do capital e do capitalismo.

Esposa o principio de que tanto o Capital como o Trabalho são indispensaveis. Um não poderá passar sem o outro; devem collaborar sinceramente e esta collaboração é possivel.

Assim rezava em um dos seus topicos o referido manifesto.

Aggregando, pois, todas as profissões, organizando-se syndicatos que, por sua vez, se enfileiram em federações e estas em confederações, o Fascismo abordou o problema italiano de após guerra sob o aspecto social, economico e representativo.

Social, dando nova legislação aos syndicatos, legislação que os transformou em cellulas vivas do Estado, juridicamente reconhecidos por elle todos os seus contractos collectivos de trabalho, toda a sua actividade no terreno da producção.

Esses syndicatos localizados nas communas, em circulos concentricos, atravez das corporações e das federações vão por ultimo se coroarem no Ministerio das Corporações, enfeixando em suas mãos, podemos dizer, dois terços, hoje, de toda a actividade productora da Peninsula, irradiando delle pelas confederações, federações e corporações as directrizes que devem ser impostas a todo e qualquer trabalho do Reino pelo governo central.

E' o orgão, na expressão de Mussolini, graças ao qual, no centro e longe do centro, realiza-se a cooperação integral, estabelecendo-se os equilibrios necessarios entre os interesses e as forças do mundo economico e social, banindo-se as possibilidades das greves e *lockout* que são por isso interdictados e garantindo-se, finalmente, a ordem publica.

Esse Ministerio é assim um apparelho de ligação complexo e delicado.

São suas funcções entre outras:

1.º — Velar pela actividade das corporações;

2.c — Coordenar a acção das corporações entre si;

3.º — Dirigir os serviços technicos referentes á producção industrial, ao commercio e ao trabalho com o fim de equilibrar os interesses das differentes categorias de classes de accordo com o interesse superior da producção.

Desempenha deste modo o duplo papel de orgão social e orgão economico.

Quanto ao aspecto representativo apresenta-se elle tambem promanando da vida dos syndicatos profissionaes da seguinte fórma:

a) — Representação dos interesses profissionaes nos Conselhos Administrativos Technicos dos syndicatos ou de suas corporações e federações;

b) — Conselhos Municipaes formados por conselheiros indicados pelos syndicatos da communa e presididos pelo prefeito de nomeação real;

c) — Representação politica formada de:

1.º — O Grande Conselho Fascista presidido pelo primeiro ministro, orgão constitucional do Estado por força da lei de 9 de dezembro de 1928;

2.º — Camara Corporativa, *Assembléa Legislativa*, em que finaliza o Estado Corporativo Italiano e que dá ás forças organizadas da producção sua representação mais alta.

Mussolini partindo do principio de que aquelle que não participa como trabalhador e como productor da vida da Nação não tem o direito de participar do seu governo, — reformou toda a Assembléa Legislativa Italiana — organizando-a de accordo com os principios contidos na Carta de Trabalho da seguinte forma: A

Camara Corporativa compor-se-á de quatrocentos deputados escolhidos por eleitores que façam parte dos syndicatos profissionaes espalhados pelo Reino e indicados aos seus suffragios:

1.º — Pelas organizações syndicaes de assistencia, de cultura, etc.;

2.º — Os syndicatos, por intermedio das Confederações, indicam os candidatos em numero de oitocentos obedecendo ás seguintes percentagens:

Confederação Nacional dos Agricultores	12 %
Confederação Nacional dos Jornaleiros	12 %
Confederação Nacional dos Industriaes	10 %
Confederação Nacional dos Operarios	10 %
Confederação Nacional dos Negociantes	6 %
Confederação Nacional dos Empregados no Commercio	6 %
Confederação Nacional das Empresas de Transporte por mar e ar	5 %
Confederação Nacional de Empregados de Empresas de Transporte por mar e ar	5 %
Confederação Nacional de Empresas de Transportes terrestres e fluviaes	4 %
Confederação Nacional dos Empregados de Empresas de Transportes terrestres e fluviaes	4 %
Confederação Nacional dos Bancos	3 %
Confederação Nacional dos Empregados dos Bancos	3 %
Confederação Nacional de pessôas exercendo uma profissão liberal ou de artistas	20 %

Indicados os candidatos, o Grande Concelho Fascista escolhe entre elles, livremente, a lista definitiva dos deputados do Reino.

O processo eleitoral, então, dá-se no terceiro domingo após a publicação da lista dos candidatos.

Os eleitores dão seu voto ao pé do boletim contendo todos os nomes dos candidatos, escrevendo as seguintes palavras: SIM OU NÃO.

Remettidos os boletins á Côrte de Appellação de Roma e verificado que a lista foi approvada por maioria, — são proclamados eleitos os candidatos.

No caso contrario, a referida Côrte, por decreto, marca novas eleições com listas concurrentes, dentro de 30 a 45 dias da data do decreto.

Essas listas concurrentes são, porêm, apresentadas por todas as associações e todas as organizações que possuam, no minimo, 5.000 membros regularmente inscriptos no corpo eleitoral do Reino.

Todavia, essas associações só podem apresentar até tres quartas partes dos deputados a serem eleitos, isto é, cerca de 266 candidatos; os restantes, ou sejam, 134, são de livre escolha do Grande Concelho Fascista.

Rege a organização eleitoral a lei sanccionada em 30 de abril de 1926.

Para ser eleitor exige a organização fascista, além de outras qualidades, que o cidadão seja membro de organização syndical ou seja administrador ou membro d'uma sociedade ou instituição pagando contribuição syndical, enquadrando-se nesta categoria todas as cooperativas.

Do systema syndical fascista excluem-se, entretanto, todas as instituições publicas, assim como todo o funccionalismo dellas dependente.

A legislação italiana actual não admitte como membros de associações profissionaes, os funccionarios publicos pertencentes á administração geral, das Provincias, das Communas, das Instituições Publicas de beneficencia, das empresas dos caminhos de ferro, correios, telegraphos e telephones do Estado, dos bancos de Italia, Napoles e Sicilia, das caixas economicas e, de um modo geral, todas as instituições que estejam sob o *contrôle* e protecção do Estado.

Relativamente ás cooperativas o fascismo veiu encontral-as já enraizadas nos habitos italianos, principalmente os Bancos Populares moldados pela organização aconselhada e ideada por Luiggi Luzzatti — criador de todo o movimento cooperativista no Paiz.

Deparou-se, assim, á revolução fascista o regimen cooperativo não podendo elle ser encarado por ella, nem como organizações de operarios, nem tão pouco como de industriaes.

Tornou-se preciso enquadrar todas as cooperativas em uma classe especial dentro do systema geral corporativo.

Já da implantação do novo regimen, todas as cooperativas italianas (de consumo, de producção, de credito, de transformação dos productos, de compra e venda desses productos e da gestão em commum das terras) — centralizavam-se em um unico apparelho com séde em Roma e denominado *Ente Nazionale di Cooperazione*. Esse Instituto Central funccionava, então, e ainda até agora, como o elemento coordenador e orientador de todas as cooperativas do Reino.

Em janeiro de 1929 essas cooperativas, agrupadas em Uniões Provinciaes e ligadas em Federações Nacionaes fundindo-se, todas, no *Ente Nazionale*, eram em numero de 8391 — com um quadro de socios superior a 2.000.000.

Em face do vulto da obra e do que representava ella na economia interna do povo italiano — o Fascismo a declarou de caracter publico, entrando todas as cooperativas, suas uniões e federações, assim como, o *Ente Nazionale di Cooperazione* como partes integrantes da Administração Publica, passando o Instituto Central, o referido *Ente* a ser um dos departamentos do Ministerio da Economia Nacional.

Dest'arte, e dentro do pensamento fascista que rege todo o actual regimen syndical corporativo, — integrou-se a obra cooperativista de Luzzatti, como apparelho social, economico e representativo do cooperativismo italiano, indicando, por isto, representantes ás Assembléas Legislativas da Peninsula quer sejam ellas communaes, provinciaes ou nacional.

Outro problema que o fascismo corajosamente enfrentou foi o dos "sem trabalho".

Organizado o regimen, sob o ponto de vista economico, em syndicatos profissionaes e suas corporações, federações e confederações — convergindo todo este apparelhamento no Ministerio das Corporações e no Conselho Nacional das Corporações — os mais altos degraus da grande escala social fascista a começar do syndicato de cada communa — facil foi tratar-se da delicada questão, a braços com a qual se acham, até hoje, as nações mais cultas do mundo.

O Ministerio e o Conselho das Corporações completam-se; pois que o primeiro estimula e dirige a actividade das corporações particulares, emquanto o segundo reune em seu seio os representantes dos differentes ramos e categorias da producção para, em visão larga, orientar o Ministerio quanto aos multiplos aspectos e necessidades de toda a producção.

Com um apparelhamento deste e sendo o phenomeno dos "sem trabalho" e de sua collocação — de summa importancia para o novo regimen, — o fascismo metteu mãos á obra orientado pelo paragrapho XXII da Carta do Trabolho que assim reza: "O Estado determina e controla o phenomeno dos desempregados e da collocação dos mesmos, simultaneamente indice das condições da producção e do trabalho."

Por decreto real de 29 de março de 1928 e 6 de dezembro do mesmo anno e ainda de 9 de dezembro de 1929, foram organizados os *bureaux* de collocação com séde nos syndicatos dos trabalhadores, instituidos por decreto do Ministerio das Corporações e solicitação das corporações interessadas e sob immediata fiscalização dos representantes legaes do Ministerio.

Pelas leis em vigor, os empresarios e operarios são obrigados perante os *bureaux* a:

1.° — Communicar a entrada em serviço ;

2.° — Communicar a cessação do serviço do operario.

A coordenação, diz a lei regional e nacional dos *bureaux*, assim como as relações de migração interior e emigração para o exterior — é realizada pelo Ministerio das Corporações de commum accordo com o Ministerio das Finanças e com outros ministerios, eventualmente, interessados.

A mediação ou intromissão neste serviço por parte de particulares ou de associações outras é absolutamente prohibida; a escolha para qualquer serviço só poderá recahir em operarios inscriptos nas listas existentes nos *bureaux*.

Outras obrigações dizem respeito a esse serviço, como sejam: o empresario, que não cumprir fielmente o contracto celebrado com o operario, deverá ser denunciado por elle dentro de 5 dias; penas são impostas aos infractores etc.

Facto é que o ministerio constantemente está a par das fluctuações varias do problema da producção, por todo o Reino, pelas communicações que recebe da acção desenvolvida pelos *bureaux*.

Assim é que, a qualquer momento, poderá ser movimentada, pelo ministerio, uma certa leva de desempregados para uma região onde haja falta de trabalhadores e vice-versa.

Deste modo a Italia que, em 1922, apresentava-se com a espantosa cifra de 3.000.000 de "sem trabalho" a tem hoje reduzida a 400.000, em quanto, nos outros paizes, o phenomeno vem se aggravando de tal sorte que o numero dos desoccupados, tanto na Europa como na America, attinge, no momento, de 25 a 30 milhões de individuos approximadamente, computando-se neste numero, na Russia communista, 3 milhões!

*

* *

Adoptando, modificando, ampliando ou adaptando, de accordo com as tendencias, os costumes, os habitos e as tradições de cada povo e de cada Nação — facto é que do chaos em que se vêm debatendo, desde 1918, toda a Europa e os povos que della hauriram a civilização que possuem, sómente estas duas correntes — o Fascismo e o Communismo — se apresentam ao mundo com aspectos fortes de vida, ameaçando larga e prolongada projecção, pelo futuro a dentro, na historia politica do nosso seculo.

O mais (monarchias, imperios, republicas e dictaduras, oriundos dos velhos moldes constitucionaes, democrata-liberaes que vinham regendo as nações até 1918) ameaça ruina, ameaça *debacle* ante a onda, sempre crescente e cada vez mais avassaladora, das novas idéas advindas a eterna luta em que sempre se debateu a humanidade, luta esta do capital contra o trabalho e da qual decorreram quasi todas as crises sociaes e politicas que têm abalado regimens constitucionaes, ao longo de todos os tempos.

Roma com o Fascismo, Moscou com o Communismo, eis as duas estradas que se acham abertas aos altos e superiores destinos da humanidade — dois rumos novos em que se sub-dividiu, bruscamente, o caminho largo que vinha sendo palmilhado até 1914, pela vasta e enorme cultura armazenada até o começo do seculo XX pelo esforço ingente e emprehendedor dos povos mais laboriosos da terra.

O ACTUAL MOMENTO BRASILEIRO

O ACTUAL MOMENTO BRASILEIRO

Encaremos essas questões sob o ponto de vista brasileiro.

Tudo no Brasil está, por assim dizer, para se fazer.

Não temos trabalho organizado; faltam-nos meios para exploração de immensas riquezas que estão eternamente a desafiar nellas a inversão de immensos capitaes; não temos um apparelhamento technico á altura da capacidade productora da grande massa operaria, tanto das cidades como dos campos; as industrias incipientes, que podiamos manter vantajosamente, arrastam-se por ahi apoiadas nas muletas de um proteccionismo official, filho de verdadeiras leis pessoaes; rareiam os meios de transporte, sendo que os existentes, são poucos, deficientes e carissimos; falta-nos um apparelhamento bancario de accordo com as necessidades do nosso commercio interno e externo; abundam os impostos que apparecem em toda parte escorchantes — estiolando e suffocando, mesmo, as mais bellas iniciativas. Não temos instrucção sofficiente e a saude publica é mal cuidada.

Vivemos de ha muito, desde os primordios da republica, em regimen deficitario. A nossa divida externa (federal, estadoal e municipal), com o serviço de juros, ascende ao cambio actual á cifra phantastica de cerca de 25 milhões de contos de réis que, divididos pela população do paiz, onéra cada um dos seus habitantes com quasi 500$000.

A lavoura, viga mater da futura prosperidade nacional, pois que o Brasil é antes de tudo agricola, vive abandonada, sem credito e super-taxada pelos tres poderes constituidos: federal, estadoal e municipal — cada qual mais porfiado em lhe cobrar maior numero de impostos — faltando-lhe vias de transporte para escoamento rapido de seus productos e tarifas ferroviarias, maritimas e fluviaes modicas. O commercio a se debater contra a barreira intransponivel das taxas alfandegarias protectoras de uma industria ridicula e caricata, quando tudo está nos indicando rumo á Terra e não, erradamente, rumo á Fabrica — industria esta que nos tem encarecido a vida obrigando os brasileiros a comprar, muitas vezes mais caro, productos manufacturados dentro do paiz com toda a materia prima importada e que, por sua vez, tem obrigado as nações que aqui se abastecem do que produzimos a lançar mão, em represalia, para o Brasil, de igual politica aduaneira.

Haja vista o café que, vendido no Rio, actualmente, a 76$000 a sacca, é entregue á offerta na Allemanha, Italia e Russia, pelos preços de 1:200$000, 800$000 e 4:200$000 respectivamente! (2). Falta ao Brasil um Banco de Emissão e Redesconto que, operando com os

---

(2) — Preço da sacca de café, typo sete, em junho de 1931.

similares a taxas de redescontos razoaveis, movimentaria o numerario sufficiente ás necessidades do commercio, criando novas riquezas; falta-lhe um codigo commercial vazado nos moldes das necessidades economicas e financeiras da época, em vez do que ahi está, poeirento e archaico, com a idade de 80 annos, modificado apenas, ligeiramente, quanto ás leis de fallencia e concordata, serviço de warrantagem e credito hypothecario, cambiaes e duplicata.

Dá-se com as leis o que se dá com as outras cousas: envelhecem ou se transformam.

Os variados e multiplos aspectos com que o commercio dos differentes povos se desenvolve e, mais do que isto, a tendencia cada vez maior de expansão manifestada pelo trabalho, — o que fez do direito commercial, no dizer do maior commercialista patricio, Carvalho de Mendonça, "um direito dynamico por excellencia que veio quebrando os moldes forjados em 1850", forçam novas directrizes em nossa jurisprudencia advindo, destarte, a necessidade imprescindivel e inadiavel de se codificarem novas leis dictadas pela consciencia juridica da época presente.

Coroando todo este quadro sombrio depara-se-nos o polvo do imposto de exportação, amaldiçoado pelas classes productoras, perturbando as transações commerciaes de municipio com municipio e de Estado com Estado e, ainda, difficultando o intercambio dos productos, cerceando a liberdade do commercio legitimo e honesto.

Temos a impressão que, no Brasil, é vezo fazer-se justamente o contrario do que é certo, do que a experiencia tem dictado a outros povos mais civilizados.

Aqui, supertaxa-se a lavoura, quando, alhures, é ella auxiliada; aqui, nega-se-lhe credito quando lhe é favorecido elle em outros paizes a prazos longos, aleatorios; aqui, arrendam-se estradas de ferro para que sua exploração dê lucros enormes quando, em outras nações, a via ferrea é simples factor de transportes, exigindo-se, sómente, que a sua receita cubra a sua despeza; aqui, ainda fechamos os portos á entrada dos productos que não podemos fabricar — para amparar o artificio criminoso de certas industrias nacionaes, importadores de materia prima; e, ainda mais, levantam-se barreiras tremendas ao commercio interno com os impostos de exportação de Estado a Estado, como se fossem elles independentes!

Ora, em uma situação destas, é natural e logico que a população soffra, que a riqueza não se desenvolva e que a grande massa proletaria das cidades e dos campos viva de dentes arreganhados, em revolta surda e muda, contra os possiveis responsaveis por este estado de cousas. Mas, como não atina a grande massa com a causa real do mal, vira-se contra o Estado em ameaças constantes de intranquillidade e desasocego.

Na maioria analphabeta, ignorante, opilada, impalludada e roida por outros males physicos e moraes, a Nação tem-se debatido em ambiente intranquillo, de certo tempo a esta parte, com a lavoura em crise, o commercio e a industria em panico.

De tudo, porêm, ha uma resultante que ahi está a chamar a attenção dos detentores do poder: o bolchevismo.

O povo, sem pleno conhecimento do problema brasileiro, descambará para aquillo que sua percepção, ainda mal acurada, lhe põe mais ao alcance como uma bandeira de salvação.

Esta bandeira, porêm, será falha e mentirosa si fôr a que tremula no Kremlim moscovita.

Victima deste erro, sem uma comprehensão nitida das causas preponderantes que originaram o actual momento brasileiro, não tem sido tão sómente o povo.

Espiritos cultos, mesmo aquelles que, em dado momento da historia politica nacional contemporanea, foram a esperança de uma grande parcella da Nação, — deixaram-se dominar pelas theorias pregadas por uma demagogia vermelha e tendentes á dissociação do regimen, dos costumes e das tradições da Patria Brasileira.

Estas idéas, porêm, não podem e nem devem vingar em territorio patrio, visto como de sua propaganda e do advento da sua victoria, não virá a salvação publica do paiz pelas razões seguintes:

1.º — O Brasil tem outro *habitat*. E' outro o feitio moral, civico e religioso do povo que o habita comparado com o da Russia dos *soviets;*

2.º — As condições de isolamento em que poude se manter a Russia, de 1917 até agora, em quasi completa emancipação economica quanto aos outros povos, fez com que se enkystasse, dentro do grande organismo politico europeu, a dictadura de Lenine. No Brasil, porêm, "exportador de productos de sobremeza", no dizer ironico de Eduardo Prado, um regimen desta natureza não se poderia manter por muito tempo, combatido como seria fatalmente pelo imperialismo dominante das nações de quem somos tributarios.

Não vemos, pois, onde a conveniencia do regimen communista como solução pratica para os altos problemas que preoccupam a vida do Brasil actual.

Nação militarmente não apparelhada para suportar o vexame de uma guerra a que, fatalmente, seria arrastada por outros povos nossos credores e que, em seu territorio, possuem multiplos interesses — o Brasil não resistiria por muito tempo ao bloqueio commercial, financeiro e mesmo militar que lhe seria imposto pela defeza natural dos paizes que com elle commerciam.

E' uma utopia que só tem acolhida em espiritos theoricos ou só é esposada por aquelles que, aproveitadores de situações mais ou menos difficeis na vida dos povos, procuram dellas tirar proveitos proprios — satisfazendo deste modo ambições desmedidas de mando e poderio.

Até aqui razões meramente politicas.

Outras, no entanto, militam contra o bolchevismo — razões estas de ordem economica e moral.

De ordem economica, pois que a socialização ampla do trabalho, seja elle manual, seja elle technico, seja elle intellectual, forçosamente, logicamente, acarretará o arrefecimento, sinão o desapparecimento de todo e qualquer estimulo ao individuo que, por força do regimen a que estará sujeito, não poderá produzir nem mais nem menos do que o que lhe fôr ordenado pelos deveres que lhe serão impostos.

Dar-se-á este atrophiamento em todas as manifestações da actividade humana, — não só porque todo o individuo será um *standardizado* como valor economico, mas tambem porque do Estado e no Estado deverá, decorrer e repousar a garantia de paz, de conforto e de bem estar para todos os membros da communidade.

São consequencias estas positivadas por observadores, *in loco,* na Russia actual.

Lemos, não faz muitos mezes, apreciações de jornalista patricio cujo nome, neste momento, nos escapa infelizmente, contendo impressionantes commentarios bordados em derredor do que viu em paciente reportagem no paiz de Lenine.

São hoteis sem o menor conforto, geridos e administrados ao Deus-dará da sorte por funccionarios communistas — a começar pelos arrumadores dos appartamentos até o porteiro geral; são casas commerciaes, de diversões, de saude publica, etc. — onde se nota o maior indifferentismo por parte dos seus encarregados e onde tudo caminha automaticamente, arrastando-se a vida destes estabelecimentos como determinarem as circumstancias do momento; são ainda armazens de viveres, padarias, leitarias, etc. como todos os artigos á offerta sem, entretanto, o cuidado e o esmero necessarios em estabelecimentos taes e inherentes á propriedade privada e cujo progresso e desenvolvimento dependem da presteza e do interesse dos dirigentes e de seus empregados em attender á clientela.

E' que, no regimen de livre concurrencia, todo o trabalho tem a lhe impulsionar novas arrancadas para a frente, o estimulo necessario ao individuo que o pratica e que se traduz na luta pela vida, razão unica de toda a existencia.

De ordem moral, porque o communismo, — pregando e procurando convencer que é elle o unico regimen de Liberdade e de Igualdade, em o qual poderá a humanidade se aperfeiçoar, — não passa, no entanto, de uma verdadeira autocracia exercida, descricionariamente, por uma *elite* intellectual, chocante minoria, sagaz e intelligente, a sugar a seiva vitalizadora da grande massa obreira dos campos e das cidades.

Regimen verdadeiramente dictatorial — o communismo *standardiza* toda a vida social do paiz cujas rédeas do poder consegue empolgar: toda a communidade agirá, pensará, conduzir-se-á, trabalhará dentro de normas pré-estabelecidas pelo direito marxista.

O que se dá com a communidade, — dar-se-á com o individuo, parte integrante de um todo que marchará entre duas rectas paralellas bem definidas: O Direito da Força e o Terror, que lhes é imposto pelas leis em vigor.

Ora, uma sociedade de homens cujo pensamento e cuja acção não ultrapassarão uma certa orbita que lhes é traçada pelos codigos; uma sociedade cujos membros não têm o direito de trabalhar, mais ou menos, conforme bem entender; uma sociedade de homens que têm horas certas para se levantar, tomar suas refeições, se entregar a diversões; uma sociedade, emfim, de hommens que não dispõem de seus actos e de suas pessoas livremente, — jamais poderá ser classificada como uma sociedade detentora de seus altos destinos.

Si assim é e si assim se processa a vida na Russia vermelha dos nossos tempos, — neste paiz se attenta claramente, insophismavelmente, contra a Razão e contra a vontade humana e das quaes resulta, como acertadamente deduziu um dos nossos estadistas, — a verdadeira e sã politica.

Retomando, porêm, a ordem de idéas que vinhamos bordando sobre o actual momento brasileiro, logicamente somos levados ás seguintes conclusões que deverão nortear os governantes e os governados no sentido de se encaminhar, no nosso modo de vêr, o Brasil para um definitivo estagio de progresso e civilização:

Repillam-se as idéas subversivas da ordem social, não deixando os brasileiros que medrem em seu seio o germen dissociativo que nos sopram as correntes extremistas jorradas, em lufadas violentas, das janellas vermelhas do Kremlim moscovita; tomem todos o caminho do trabalho, abandonando de vez a politicalha; organize-se com outros processos o trabalho dos campos, do commercio e das industrias; fomentem-se correntes immigratorias de colonos que não sejam indesejaveis quanto ás suas idéas politicas e o seu sangue, processando-se essa immigração sempre de accordo com as condições do nosso meio; reduzam-se as tarifas ferroviarias, maritimas e fluviaes, os impostos de industria e profissão, renda, exportação, territorial, defeza do café, etc. — que deveriam ser unificados; reforme-se o nosso codigo commercial, legislando-se melhor sobre sociedades anonymas, cooperativismo e syndicalismo, credito agricola e hypothecario, fallencias e concordatas; crie-se um banco nacional de emissão e redesconto, desburocratizem-se as repartições publicas — e o trabalho florescerá, rebentará pelo paiz em fóra em messes bemdictas duma verdadeira resurreição economica e financeira.

E, como dahi surgirão novas riquezas com o augmento formidavel da sua capacidade productora, a Nação verá pender para o lado de sua exportação a balança commercial.

Quem diz exportação maior contra importação menor, diz que haverá saldo ouro na permuta dos productos do paiz com os das nações que nelle vierem se abastecer daquillo que necessitarem.

Ora, *saldo ouro* significará, em pouco tempo, *moeda sã* e moeda sã equivalerá ao advento dum ambiente eminentemente favoravel á manutenção real e não artificial duma taxa cambial estabilizada.

Para tudo, porêm, é preciso um grande espirito de cooperação: — cooperação das classes trabalhadoras entre si, cooperação entre os homens dos campos, do commercio, os operarios, os ferroviarios, os maritimos, etc.; — cooperação, emfim, do povo com o governo e deste com o povo para que della resulte o bem estar geral.

COMO SE RESOLVER O PROBLEMA NACIONAL?

COMO SE RESOLVER O PROBLEMA NACIONAL ?

Após os commentarios expendidos sobre as diversas correntes socialistas e os por nós, tambem, tecidos quanto ao actual momento brasileiro, — é natural, que nos assaltem o espirito as seguintes perguntas:

Como se resolver o complexo problema nacional? Com a liberal-democracia ou a social-democracia seja:

Pelo systema *presidencialista?*
Pelo *parlamentarismo?*

Pelo *parlamentarismo* ou pelo presidencialismo, conjugado com o *syndicalismo,* isto é, criando-se ao lado das Camaras Politicas, os Conselhos Economicos, eleitos e formados pelos representantes das classes profissionaes ou enkistando-se nas assembléas politicas representantes de classe?

Pelo *communismo?*

Pelo *facismo,* isto é, pela integração de todas as classes nas camaras politicas, atravéz de seus representantes — moldando-se o regimen em bases corporativo-syndicaes?

E responderemos: não para o presidencialismo, para o parlamentarismo e para o hybridismo parlamentar-syndical, sob forma liberal, pois que, pelo primeiro, e por sua causa, soffreu o paiz as consequencias tremendas das revoluções de 30 e de 32 e cujas feridas tão cedo não deixarão de sangrar; pelo segundo — a Argentina, não se citando outros paizes, soffreu, tambem, as consequencias de um golpe militar e, da Europa, nos vêm os exemplos, quasi sempre, das quedas constantes dos ministerios — o que basta para denotar a inconveniencia do systema e pelo terceiro, tambem, não, visto como — não se poderá jamais conciliar um ao lado do outro, camaras liberaes e conselhos economicos com tendencias profundamente divergentes quanto a uma clara ideologia politica — o que é attestado pelas difficuldades em que se encontram as nações que, de certo tempo a esta parte, vêm tentando, ultimo arranco defensivo da liberal democracia, reconciliar deste modo o *individualismo* com o *collectivismo* revolucionario ou com o corporativismo.

Dessas tres formas de governo é que tem decorrido a fallencia, mais ou menos accentuada, e já indisfarçavel, dos regimens constituidos nos velhos moldes democrata-liberaes.

Esta fallencia, esta derrocada, de imperios, reinos, republicas e dictaduras que se esborôam fragorosamente, ao sopro vivificador das novas correntes do pensamento humano, forjadas após a grande guerra, teve por origem, por causa primordial o "profissionalismo politico" que, sómente á sombra do instituto eleitoral, chamado suffragio universal, viceja, floresce e prospera, como parasita temido e temivel, vivendo á custa, em todos os tempos e em todas as nações, por mais civilizadas que sejam, da seiva abundante que é sugada por "elle", insaciavelmente, do sangue generoso das massas populares que anonymamente trabalham e anonymamente produzem a grandeza dos povos.

Pobres massas populares ludibriadas pelos aproveitadores desta *escola-individualista* a lhes repetir a embaladora canção "o povo é soberano"!

O mundo marcha sempre e com elle marchará o Brasil pelos seculos afóra.

Mas facto é que poderá a Nação se entregar a quantos motins quizer, a quanta *quarteladas* lhe approuver, a quantas revoluções lhe seduzirem — e a esteira dos seus soffrimentos continuará aggravada sempre, porque, o mal não está nos seus homens publicos, não está nos seus filhos, não está na deficiencia de educação politica e civica do povo.

O mal está no regimen.

Está na nossa organização politico-administrativa. Está na programmação liberal-democrata, atravéz e no seio da qual vicejam todas as culturas possiveis, perturbadoras do desenvolver calmo e sereno da Nação.

Poderá o povo brasileiro derrubar, hoje, governantes que, entre palmas e flores, subiram ontem como uma grande esperança. Mudarão os homens, mas não mudarão os processos. E a ferida continuará a gotejar, a sangrar para sempre o *virus* da deliquescencia civica da raça que aqui se vae formando, sob a luz eterna do Cruzeiro do Sul.

Chegamos, assim, ás duas ultimas perguntas.

Pelo communismo, seja collectivista ou bolchevista, como se apresenta presentemente na Russia?

A que responderemos, tambem, não. Porque elle corresponde a um regimen iniquo, contrario ás leis naturaes e humanas, em o qual, excepção da classe dos camponezes e dos operarios, nenhuma mais poder-se-á enquadrar — sendo todos os membros das outras ou passados summariamente pelas metralhadoras da policia communista (é o caso da *Tcheka* ou da *G. P. U.*) ou expatriados em pleno miseria, depois de espoliados de todos os seus haveres.

Pelo fascismo? A que responderemos ainda, e por ultimo, não — porque o fascismo, comquanto seja corporativista, sob o ponto de vista economico, não o é politicamente ainda. E' moldado em uma envergadura dictatorial, á sombra de um governo monarchico. Dois systemas repellidos sempre pela mentalidade brasileira, isto é, *dictadura* e *monarchismo*. Ora, deparando-se-nos negativamente todas essas correntes e todas estas modalidades de organização politico- administrativa, em face do actual momento brasileiro, — só nos resta um caminho a seguir e que é:

Tomarmos destes dois ultimos regimens, já que todas as outras formas de governo, em franca decadencia, caminham para um desapparecimento proximo, divisado sem esforço na curva dos horizontes politicos das nações que ainda os adoptam — aquillo que fôr util e mais consentaneo com as actuaes necessidades do Brasil, e desprezando o que não fôr possivel ser aproveitado, mesmo com certas modificações — criarmos cousa nossa, bem brasileira e bem americana. Assim fomos arrastados á concepção do syndicalismo-nacionalista, embasando politicamente uma nova forma de Estado. Democratico e republicano. Governo autonomo e soberano da Nação — exercido por todas as classes profissionaes do Brasil — enquadradas integralmente em uma nova modalidade de Estado Corporativo-Syndical e no seio do qual floresceräo de facto e de verdade as instituições basicas de toda sociedade bem organizada e que são: A propriedade privada, a familia e a religião.

Essa concepção nacional syndicalista, arregimentada em um programma corporativo, damol-a esboçada, em traços largos, em outro trabalho já conhecido do publico, e em terceira edição, presemente, com o titulo de "*Republica Syndicalista dos Estados Unidos do Brasil*" (3) em o qual traçamos a organização do Estado Corporativo Syndical-Brasileiro — promanando todo o poder publico, directamente ou indirectamente, do seio dos syndicatos profissionaes e das suas federações e confederações. Só assim, cremos nós, o Brasil não estacará á margem da civilização contemporanea — permanecendo neste ambiente de preparação a que ficam sempre sujeitos os povos que temem ou não procuram acompanhar *paripassu* a evolução de ordem superior que lhes é dictada por certas e varias circumstancias actuaes, com forte pressão, em determinadas épocas, nos altos destinos da humanidade.

---

(3) — Como se verá em *Republica Syndicalista dos Estados Unidos do Brasil*, impõe-se em nosso paiz a adopção de um systema syndical-corporativo, isto é, todas as classes profissionaes devem se organizar em syndicatos; tangenciando-se estes pelas federações nas capitaes dos Estados e pelas confederações na capital da Republica, tudo coroado por fim pelo Ministerio das Corporações. Nesta grande rêde syndical-corporativa enquadrar-se-iam tambem, como acontece na Italia, todas as cooperativas de credito, producção e consumo, suas federações e sua confederação geral. Teriam todos os apparelhos quer os syndicatos profissionaes de classes como as cooperativas e os seus demais apparelhos superiores (federações e confederações) personalidade politica, além da civil e juridica, elegendo, pois, todos elles as cama-

---

ras municipaes, estadoaes e federal, assim como, os poderes executivos de cada municipio, de cada Estado e o da Republica.

No alludido trabalho traçamos tambem a maneira de se formar todos os outros departamentos publicos, inclusive as forças de defeza aérea, maritima e terrestre, tudo promanando do seio dos syndicatos profissionaes e das cooperativas — além do esboço de projectos de lei eleitoral-syndical e de syndicalização geral das classes profissionaes brasileiras.

À MARGEM DESTA SEGUNDA EDIÇÃO

A' MARGEM DESTA SEGUNDA EDIÇÃO

Este livro foi escripto em março de 1931. E publicado em outubro do mesmo anno. Decorridos seis annos, modificou-se, por accaso, o panorama politico, economico, financeiro e admistrativo da Nação? Certo que não. Antes, aggravados continuam ahi os mesmos problemas que silhuetamos no capitulo que serviu de fecho á primeira edição deste trabalho. Um unico facto apenas interferiu, post-revolução de 30, na vida nacional. Foi o phenomeno syndical. O nascimento do syndicalismo, no Brasil, previsto pelo autor, veio porém, sob forma internacionalista. Com tendencias nada nacionalistas. E como o gravame de, muito *a brasileira,* os syndicatos terem, em um pouco, se transformado em méros centros politicos. Os responsaveis pela Revolução de 30, temendo o communismo já existente no Paiz, ou o fascismo que poderia surgir de um momento para outro, enkistaram na Constituinte e depois na Carta Magna da Nação o hybridismo liberal-syndical. Isto é, collocaram no Parlamento e nas Camaras Estadoaes deputados de classe ao lado de uma maioria esmagadora eleita pelo liberalismo politico. Voto syndical e voto popular, casados a força n'uma Constituição social-democrata. O resultado foi:

Os deputados, de classe, eleitos graças ás manobras do governo, atravéz do Ministerio do Trabalho, no seio dos parlamentares, esqueceram-se das classes que os elegeram e deram ás mãos ás bancadas da maioria liberal em cada Camara, emquanto os syndicatos divorciados destes seus deputados e não podendo lhes cassar o mandato, passaram a soffrer a cathequese intensa do communismo que lhes minava o organismo, por agentes do Komintern, infiltrados nas suas directorias... Esta a phase de vida do syndicalismo no Brasil de 1931 á 1935. Estoura, como consequnecia desta má politica governamental, a intentona bolchevista de novembro de 35. Inicia-se a segunda phase de nossa vida syndical. O communismo, caso de policia; os syndicatos sem nenhuma autonomia. Controlados pelo governo. Asphyxiada a vida syndical no Paiz. O governo prodigo e apressado antes em espalhar, atrabiliariamente, sem o cuidado de preparar, por leis trabalhistas honestas, um clima sadio de puro nacionalismo para o proletariado nacional — está agora empenhado, semelhante a um comico e iracundo Saturno politico, em devorar o proprio filho... A não ser este phenomeno social que melhor seria ser denominado de *"aborto do syndicalismo"*, que mais nos deram os fazedores da Revolução de 30?

*

* *

Verdade, porém, seria que, alli por volta de 1931-32, surgidos os primeiros indicios de que a revolução nada de novo traria, que não passaria de simples movimento caudilhista liberal, pois, os politicos que galgaram o Poder, de rara e invulgar incultura sociologica denotada em todos os seus discursos, mensagens e entrevistas, não transformariam a estructura do Estado derrubado espectacularmente em 1930 — certo que todos os descrentes da *liberal* ou da *social-democracia* e tambem não adeptos da solução *communista* para a grave questão social brasileira, haveriam de se congregar e, em frente unica, organizarem um partido nacional — lançando-se na luta pela implantação do *Estado Corporativo-Syndical* no Paiz. Foi, assim, que, em começos de 1932, o autor deste livro soube que, em São Paulo, o escriptor Plinio Salgado fundara um centro cultural a que déra o nome de *Sociedade de Estudos* Politicos. Entraram em articulação. Foi-lhe enviado este livro e mais um outro *Republica Syndicalista dos Estados Unidos do Brasil.* (Esboço de um *Estado Syndical Corporativo Brasileiro*). O autor recebia em março do mesmo anno (1932) a resposta de Plinio Salgado e que se transcreve em seguida, como precioso subsidio aos que, de futuro, irão surprehender para a Historia a agitada e não menos grave phase politica, vivida pela Nação de 1930 até agora. Eis, a carta, ha pouco, referida:

"São Paulo, 1 de março de 1932.
Olbiano Mello.

Desculpe o papel e a intimidade: escrevo-lhe na minha mesa de redacção. Seus livros e sua carta chegaram no instante em que eu lhe ia remetter uma longa missiva; porque eu já tinha lido o seu trabalho e tinha dito com meus botões: eis aqui um homem. Eu já havia *organi-*

zado um schema, muito parecido com o seu. Eu tinha chegado ás mesmas conclusões que V.

Mandei que lhe enviassem a "A Razão". Esse jornal está realizando um grande movimento, dentro de suas idéas. E' pena, sinto realmente muito que V. não tivesse acompanhado os 200 artigos que publiquei diariamente, sobre o assumpto. Não faz mal: o essencial é pormo-nos em contacto. Falemos, pois, de coisas praticas.

Fundámos aqui em São Paulo uma Sociedade de Estudos Politicos, que nós chamamos, mais resumidamente de Sep. O fim da Sep é crear uma nova mentalidade. Na capital, ella está augmentando cada vez mais o numero de adeptos; estamos organizando cellulas em cada uma das cidades do Estado. Resolvi pedir aos editores e autores que nos auxiliem nesta obra de catechese e de iniciação. Vou divulgar, por systema que engendrei, a obra de Alberto Torres, de Oliveira Vianna, de Tristão de Athayde, de Octavio Faria, de Alberto Faria, de Euclydes da Cunha, de Oliveira Lima, de Nabuco, a literatura fascista do Rocco, do Gentile, do Mussolini, do Prezzolini, as obras de Sardinha, que é o que Portugal nos offerece de mais interessante, e, com o tempo, os trabalhos de escriptores francezes, inglezes, americanos e allemães. Pretendo organizar commissões de estudo e divulgação especializadas cada qual em assumptos economico-financeiros, sociologicos, religiosos, culturaes. Todas convergirão para a directoria da propaganda. No fim de cada mez, pretendo publicar um jornal de recortes, com os melhores artigos que apparecerem no paiz. Emfim, hei de enviar a Você o plano geral, logo que o tenhamos impresso.

Esse movimento deve ser effectuado em todos os Estados do Brasil, afim de crearmos os capitães da futura campanha de renovação, ou melhor: de reposição do Brasil na sua base de realidade, pois a liberal-democracia não tem feito mais do que contrariar a indole do povo brasileiro, que é essencialmente governista, e tanto assim é que os governadores de Estados nunca perderam eleições.

Sobre tres bases deve assentar a obra de construcção nacional:

a) — base geographica (*Municipio*);
b) — base economico-social (*Classe*);
c) — base moral (tradição religiosa e patriarchal).

Fóra disto será tudo mentira. Não acha?

Pois bem. Venho pedir a V. dois favores para o Brasil: 1.º) procure organizar em Minas uma sociedade semelhante, com irradiação por todos os municipios e articulação com a nossa de São Paulo; 2.c) envie-me o maior numero possivel de exemplares do seu livro, que quero dar uma grande divulgação entre os nossos conscriptos. Este segundo favor estou pedindo a todos autores e editores porque estamos em começo. Dentro em breve, quero crer que a Sep. poderá adquirir edições inteiras de bons livros, como o seu. Estamos partindo da base, firmemente. Não aceitamos qualquer associado.

E este, depois que entra, tem de se submetter a varias provas de capacidade mental, para ser um combatente, um apostolo. O trabalho é immenso, mas o grupo que tenho aqui é joven, forte, tem fé e abnegação. Porque sentimos todos que precisamos arrancar o Brasil deste immenso pantano...

Escreva-me, Olbiano, para "A Razão". Mande-me uns artigos, si tiver tempo e quizer dar-nos esse prazer. Eu lhe mando um apertado abraço.

(a) *Plinio Salgado.*"

* * *

Em outubro de 1932 fundava Plinio Salgado a *Acção Integralista Brasileira,* que cresceu e se multiplicou por todo o Paiz — desfraldando a bandeira do *Estado Integral,* denominação que se adoptou para o regimen politico, typo republicano, embasado politica e economicamente nos principios Syndical-Corporativistas. (*)

(*) — A denominação de *Estado Integral* foi adoptada pelo 1.º Congresso Integralista, reunido em Victoria (Espirito Santo) no mez de fevereiro de 1934. Os estatutos da *Acção Integralista Brasileira,* então approvados, assim definiram o novo regime politico-social que passou a ser pleiteado para o Brasil: — aquelle *Estado* que (a) na ordem economica adoptar uma economia dirigida em a qual se sobreponha o bem social ao individual, (b) na ordem politica —realizar um systema politico-administrativo estructurado sómente em bases syndical-corporativista; c) na ordem intellectual a cooperação dentro do Estado de todas as forças intellectuaes da Nação e (d) — na ordem espiritual tambem a cooperação dentro do Estado de todas as forças espirituaes da Nação.

O autor entendeu de annexar este novo capitulo a esta edição, após seis annos o apparecimento da primeira. Não quebra este appendice o plano geral da obra. Contrariamente vem, documentadamente e com factos que são do conhecimento de toda a Nação, reforçar o grito de alarme de um brasileiro que, em pleno cahos politico-social post-revolução outubrista, desejava para a Nação outros rumos que os que por ella infelizmente foram tomados.

INDICE

Prefacio 9

Summario 17

Diante das correntes socialistas.................. 19

Socialismo em geral 31

Syndicalismo 59

A Ilha da Utopia.................................. 81

Roma ou Moscou? 97

O actual momento brasileiro....................... 115

Como se resolver o problema nacional?............ 127

A' margem desta segunda edição................... 135

Terminada a impressão
em 6 de Agosto de 1937
nas officinas graphicas
de Irmãos Pongetti —
Rio de Janeiro.

THEMAS CONTEMPORANEOS

Moderna bibliotheca de estudos da mais palpitante actualidade, abrangendo todos os ramos da sciencia, das artes, da literatura, etc., etc., a cargo de autores de renome e projecção em nossos meios culturaes.

JÁ APPARECIDOS:

Prof. Irineu Malagueta

Invalidez e Seguro Social............. 8$000

Olbiano de Mello

Communismo ou fascismo............ 6$000

DE PROXIMA PUBLICAÇÃO:

Prof. J. P. Porto-Carrero

Grandezas e miserias do sexo......... 7$000

Prof. Helion Povoa

Fronteiras da Medicina.............. 7$000

Prof. L. Nogueira de Paula

Racionalização Economica. . . . . 7$000

A' venda em todas as livrarias do paiz e

IRMÃOS PONGETTI EDITORES

Av. Mem de Sá, 78 — Rio

OBRAS DE STEFAN ZWEIG

em edição PONGETTI

A LUTA CONTRA O DEMONIO

A famosa trilogia, em que o grande escriptor estuda a vida e a obra dos grandes philosophos allemães Kleist, Holderlin e Nietsch. Sobre esta grandiosa obra, manifestaram-se os mais destacados vultos europeus das letras e da sciencia, entre os quaes Sigmund Freud e Romain Rolland, que a reputa a maior obra de critica de Zweig. Tradução de Aurelio Pinheiro. . . . . 15$000

DOIS MESTRES (Dickens-Balzac)

Magnifico ensaio sobre os dois mestres do romance no Seculo XIX. A primeira edição brasileira exgotou-se em dois mezes. Nova edição traduzida e prefaciada por Faustino Nascimento . . . . 6$000

STENDHAL

A vida do celebre autor do **Rouge et Noir,** em paginas scintillantes pelo mestre da psycho-biographia; traducção esmerada de Ary de Mesquita . . . . 6$000

CASANOVA

O grande amoroso, que teve sua vida narrada por centenas de escriptores, encontra em Stefan Zweig o seu mais exacto analysta. . . 6$000

MESMER

Nas paginas deste livro fascinador, vemos descriptas em paginas brilhantes, a vida magnifica e atormentada do verdadeiro precursor da psychanalyse. Traducção de Candido de Carvalho . . . . 7$000

A FANTASTICA EXISTENCA DE MARY-BEKER-EDDY

Um estudo curiosissimo da mulher mais sensacional dos Estados Unidos. A fundadora da CHRISTIAN SCIENCE, analysada por Zweig, assume proporções mythologicas. Traducção de J. L. Costa Neves. . . . . 10$000

OCCASO DE UM CORAÇÃO

Novella profundamente humana. Toda a agudeza psychologica do notavel escriptor nas paginas desta historia admiravel. Trad. de Aurelio Pinheiro . . . . 5$000

OS OLHOS DO IRMÃO ETERNO

Uma novella oriental pelo mais occidental dos modernos escriptores da Europa. Um grande ensinamento phiosophico num estylo verdadeiramente encantador. Trad. de J. L. Costa Neves . . . . 5$000

OS LIVROS CELEBRES

THOMAS DE QUINCEY

CONFISSÕES DE UM COMEDOR DE OPIO

ESTA é, sem duvida, a melhor obra do genial escriptor inglez.

Apresentando-a em cuidadosa edição brasileira, sentimo-nos orgulhosos em divulgar entre nós, pela primeira vez, um dos livros mais discutidos de todas as épocas, e cujo apparecimento, nos fins do seculo XIX, revolucionou o mundo das letras, contrapondo-se como "literatura-creação" á "literatura-erudição".

Interessante, exquisito original é esse enervante documento de uma das mais extranhas paixões humanas.

São paginas amargas de dolorosa melancolia, que nos levam a pensar e a ter na retina, constantemente, essa figura doentia, soffredora, torturada do maravilhoso escriptor que foi uma victima infeliz do terrivel entorpecente.

Eis um trecho do brilhante prefacio do Prof. J. P. Porto-Carrero, escripto especialmente para esta edição:

> "Eis a historia de um doente, THOMAS DE QUINCEY, que nasceu nos fins do século XVIII e viveu a primeira metade do século XIX, não tem sido bem avaliado pela crítica. Era um viciado e viveu numa era de "pruderie". Pouco importa o que o houvesse levado ao vício do ópio; pouco importa a soma e o valor dos trabalhos que deixou. As "Confissões de um Comedor de ópio" foram a sua obra mais conhecida; e a despeito da grande beleza desse livro, o seu autor ficou sendo sempre um individuo dado ao vício repugnante da droga sonifera. Mais tolerado é o alcoolismo de POE, BAUDELAIRE ou VERLAINE; alcoolistas ha muitos, entre leitores e críticos.
>
> ……………………………………………………
>
> O livro não anima ao vício; muito ao contrário, desvenda sofrimentos que o veneno trás, em substituição a sofrimentos anteriores, que outros processos menos danosos poderiam ter removido. O próprio DE QUINCEY dedica a sua obra aos aficionados do tóxico, para que "temam e tremam" e saibam renunciar, como êle o fez, após 18 anos de uso e oito de abuso".

CONFISSÕES DE UM COMEDOR DE OPIO, pelo seu alto valor artistico, pertence ao dominio das grandes obras universais e é indispensavel á formação de uma bôa cultura literaria.

O volume brochado 6$000

EM TODAS AS LIVRARIAS DO PAIZ

IRMÃOS PONGETTI — Editores

AV. MEM DE SÁ, 78 — Rio de Janeiro

NOVIDADES "PONGETTI"

Luiz Gurgel do Amaral	Historias de todas as côres	6$000
Adelmar Tavares	O Caminho Enluarado (poesia)	6$000
Martins d'Alvarez	Morro do Moinho (romance)	6$000
Fran Martins	Ponta de Rua (romance)	6$000
Ernani Fornari	Emquanto ella dorme (novella)	5$000
Malba Tahan	Minha Vida querida (contos)	5$000
Franz Blei	Telleyrand (biographia)	15$000
Vilfredo Pareto	Critica a o CAPITAL de Karl Marx (economia politica)	10$000
Dilke de Barbosa Rodrigues	Angelim (A Cabanagem)	6$000
Stefan Zweig	A Luta Contra o Demonio	15$000

IRMÃOS PONGETTI EDITORES
Av. Mem de Sá, 78
RIO DE JANEIRO